A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 1995

A LIAHONA

OUTUBRO 1995

Na capa:
A Primeira Presidência canta um hino com a congregação durante a conferência geral de abril de 1995 em que foram apoiados na assembléia solene: Presidente Gordon B. Hinckley, *na frente;* Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro, *no centro;* e Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro, *atrás.* Nesta edição, artigos biográficos a respeito do Presidente Monson e do Presidente Faust. Fotografia por cortesia do *Deseret News*/Tom Smart.

Capa da Seção Infantil:
Crianças da Primária de todo o mundo apresentam um programa especial na reunião sacramental a cada ano. O programa deste ano é a respeito das Regras de Fé. Ilustração de Elise Niven Black

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: FÉ: A ESSÊNCIA DA VERDADEIRA RELIGIÃO
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 1

PRESIDENTE THOMAS S. MONSON FRANCIS M. GIBBONS 8

PRESIDENTE JAMES E. FAUST ÉLDER NEAL A. MAXWELL 17

"PARA QUE NÃO VOS OFENDAIS" PERRY M. CHRISTENSON 28

CENÁRIOS DAS VIAGENS MISSIONÁRIAS DE PAULO
KENT P. JACKSON 34

APRENDER A ATENDER À VOZ DO ESPÍRITO
DAVID MORAZA BRITO 46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

O EXEMPLO FALA MAIS ALTO ANNETTE ANTONELLI 24

QUANDO SE DESEJA GERI CHRISTENSEN 26

MENSAGEM MÓRMON: UM NÃO DA PALAVRA DE SABEDORIA 33

UM BRAÇO AMOROSO MILES T. TUASON 42

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "MAIS ESPERANÇA EM SUA PALAVRA" 25

SESSÃO INFANTIL

UMA ORAÇÃO EM ITACOATIARA CHRISLAINE DA SILVA BRASIL 2

SÓ PARA DIVERTIR 4

EU TENHO SENTIMENTOS KATHERINE QUINN FOWKES 5

DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER LOREN C. DUNN 6

TEMPO DE COMPARTILHAR: CREIO EM OBEDECER À LEI
SUSAN L. WARNER 8

FICÇÃO: UM BOM NOME RUTH LILJENQUIST 10

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: NÉFI E LEÍ NA PRISÃO 13

OUTUBRO DE 1995, Vol. 19, nº 10
A LIAHONA, 95990 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Joe J. Christensen

Consultores: Spencer J. Condie, Loren C. Dunn

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Assistente de Publicação: Beth Dayley

Equipe de Desenho:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Diretora de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell

Equipe de Subscrições:
Diretor: B. Rex Harris
Diretor de Distribuição: Kris Christensen
Gerentes de Marketing: Joyce Hanse, Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 12,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 1,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

UM MISSIONÁRIO MELHOR

Sou de Ponce, Porto Rico, e atualmente estou em missão de tempo integral em Las Vegas, Nevada. Ler a *Liahona* (em espanhol) regularmente tem-me ajudado a tornar-me uma pessoa e um missionário melhor. Muitas vezes, as histórias a respeito de conversões narradas na revista ajudam-me a compreender as experiências por que passam os pesquisadores. Estar consciente de suas necessidades ajuda-me ao ensinar-lhes o evangelho de Jesus Cristo.

Élder Alex González
Missão Las Vegas Nevada

COMPARTILHAR COM OUTROS

Há muito para se analisar, em espírito de oração, na *Seito No Michi* (em japonês). Os conselhos dados em suas mensagens e artigos podem ajudar-nos em nossa vida diária.

Creio que uma de minhas mais importantes responsabilidades como membro da Igreja é compartilhar a revista com outras pessoas e apresentar-lhes as valiosas informações contidas em suas páginas—e o evangelho.

Masaru Fukuoka
Ramo Ogaki
Estaca Nagoya Japão Oeste

A MAIS PRECIOSA

Durante os cinco anos transcorridos desde meu batismo, a *Seito No Michi* (em japonês) tem sempre estado a meu lado. Dentre as muitas publicações em japonês, ela é a mais preciosa para mim.

Por saber da importância que tem em minha vida, fico feliz por estar à disposição dos santos em muitas das línguas faladas no mundo.

Yukiko Matsuura
Ala Groveland 2
Estaca Blackfoot Idaho Sul

INSPIRADORA

Tornei-me membro da Igreja há mais de dois anos. Jamais esquecerei o dia em que encontrei um amigo do Canadá que me falou a respeito do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Sou agora o segundo conselheiro na presidência do ramo Porto Príncipe Central.

O Livro de Mórmon é meu companheiro constante e conforta-me. Leio-o diariamente. Seus ensinamentos ajudam-me a entender as demais obras-padrão.

Minha companheira de leitura é *L'Etoile* (em francês). É uma excelente revista e muito me inspira. Gosto imensamente de ler os artigos dos santos de outras partes do mundo.

Jude W. Jean-Baptose
Distrito Porto Príncipe Haiti Sul
Missão Haiti Porto Príncipe

BÁLSAMO MARAVILHOSO

Viajo cerca de 110 quilômetros diariamente, indo para o trabalho e voltando. A *Liahona* (em espanhol) é uma de minhas companheiras de viagem. A revista é um bálsamo maravilhoso. Ela me conforta, renova, inspira e faz com que me sinta mais próxima de Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor.

Magdalena de Pitta
Ala San Isidro
Estaca Panamá San Miguelito

Fé: A essência da verdadeira religião

Presidente Gordon B. Hinckley

Há algum tempo, li um artigo de jornal que tratava das opiniões de certo jornalista famoso. Citavam-no como tendo dito: "A certeza é inimiga da religião." As palavras atribuídas a esse jornalista fizeram-me refletir bastante. A certeza, que defino como a total e completa convicção de um fato, não é inimiga da religião, mas a sua própria essência.

Certeza é segurança; é convicção. É o poder da fé que se aproxima do conhecimento, sim, e até mesmo se transforma em conhecimento. A certeza dá-nos entusiasmo e, para vencer a oposição, o preconceito e a indiferença, nada existe que se compare ao entusiasmo.

Os grandes edifícios jamais foram construídos sobre alicerces instáveis. As grandes causas jamais foram vencidas por líderes inseguros. O evangelho nunca foi pregado de modo a convencer as pessoas sem que houvesse certeza. A fé, que é a própria essência da convicção pessoal, sempre foi e sempre deverá ser o alicerce da vida religiosa e da dedicação à religião.

O testemunho prestado por Joseph Smith da visão gloriosa ecoa por sucessivas gerações que podem declarar com convicção que o evangelho de Jesus Cristo foi, de fato, restaurado à Terra.

FOTOGRAFIA, À ESQUERDA, DE ELDON LINSCHOTEN; A PRIMEIRA VISÃO, VITRAL, ALA BUTLER 17, CIDADE DE SALT LAKE

A CERTEZA NOS TEMPOS ANTIGOS

Não havia incerteza na mente de Pedro quando o Senhor lhe perguntou:

"E vós, quem dizeis que eu sou?

E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." (Mateus 16:15–16)

Nem havia qualquer dúvida por parte de Pedro quando o Senhor pregou à multidão reunida em Capernaum, declarando ser o pão da vida. Muitos de Seus discípulos, que não aceitaram Seus ensinamentos, "tornaram para trás, e já não andavam com ele.

Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos?

Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna.

E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente." (João 6:66–69)

Depois da morte do Salvador, teriam Seus Apóstolos conseguido prosseguir na pregação de Sua doutrina, sacrificando até mesmo a própria vida em dolorosas circunstâncias, se estivessem incertos acerca Daquele a quem representavam e cujas doutrinas ensinavam?

Não havia incerteza em Paulo depois de ter visto a luz e ouvido a voz quando rumava para Damasco em perseguição aos cristãos. Por mais de três décadas, depois dessa ocasião, devotou seu tempo, força e a vida à divulgação do evangelho do Senhor ressurreto. Sem pensar no próprio conforto ou segurança, viajou pelo mundo conhecido de seu tempo, declarando que "nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir,

Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor." (Romanos 8:38–39)

Ao ser executado em Roma, Paulo selou com a morte seu testemunho final da convicção que tinha da divindade de Jesus Cristo como Filho de Deus.

O mesmo se deu com os primeiros cristãos, milhares deles, que preferiram submeter-se à prisão, tortura e morte a renegar sua crença na vida e ressureição do Filho de Deus.

Teria havido a Reforma sem a certeza que inspirou os intrépidos feitos de gigantes na fé, como Lutero, Huss, Zwingli e outros como eles?

Não havia incerteza na mente de Pedro ao dizer ao Senhor: "Nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente."

A CERTEZA NOS TEMPOS MODERNOS

O que aconteceu no passado se repete nos tempos modernos. Sem a certeza dos que crêem, a causa religiosa torna-se débil, fraca, desprovida da força motivadora que expande sua influência e inflama o coração e os sentimentos de homens e mulheres. Pode-se argumentar contra a teologia, mas o testemunho pessoal, aliado à prática da religião, não pode ser refutado. Esta dispensação do evangelho, da qual somos beneficiários, teve início com uma gloriosa visão na qual o Pai e o Filho apareceram ao menino Joseph Smith. O menino contou essa experiência a um dos pregadores da comunidade, que tratou o relato "com grande desprezo, dizendo que tudo aquilo era obra do diabo, que não havia tais coisas como visões ou revelações nestes dias (. . .)" (Joseph Smith 2:21).

Outros se uniram aos que clamavam contra ele, e ele tornou-se objeto de grande perseguição. Contudo, prestem atenção ao que ele disse: "Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e Eles em realidade

TU ME AMAS? PINTURA DE DAVID LINDSLEY, PINTURA DE HAROLD I. HOPKINSON

Várias vezes os santos pioneiros deixaram o conforto do lar devido a sua fé na causa que faziam parte. Muitos faleceram nessas longas e difíceis jornadas.

falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era a verdade; e enquanto eles me perseguiam, injuriando-me e dizendo toda espécie de falsidades contra mim, devido às minhas afirmações, fui induzido a dizer em meu coração: Por que me perseguem por dizer a verdade? Tive realmente uma visão; e quem sou eu para oporme a Deus? Ou, por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo (. . .)" (versículo 25).

Não há incerteza nessa declaração. Para Joseph Smith, aquela fora uma experiência tão real quanto o calor do sol do meio-dia. Sua convicção jamais enfraqueceu ou foi abalada. Eis o testemunho que prestou, mais tarde, a respeito do Senhor ressurreto:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram Dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos Dele: Que Ele vive!

Pois vimo-Lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que Ele é o Unigênito do Pai—

Que por ele, por meio Dele, e Dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22–24)

Tal era sua certeza da causa que conduzia e tamanha a segurança em seu chamado divino, que lhes deu mais valor que à própria vida. Tendo presciência de sua morte iminente, entregou-se àqueles que o abandonariam indefeso nas mãos do populacho. Selou seu testemunho com o próprio sangue.

O mesmo ocorreu com seus seguidores. Não é possível encontrar qualquer evidência, por menor que seja, de que a certeza tenha sido inimiga da religião na vida e nos atos daqueles que o seguiram. Por diversas vezes, abandonaram seus lares confortáveis, primeiramente em Nova York, depois em Ohio e Missouri, mais tarde em Illinois; e até mesmo depois de chegarem ao Vale de Salt Lake, muitos dali partiram para estabelecer colônias em uma vasta área do Oeste Americano. Por quê? Devido à fé que possuíam na causa que professavam.

Muitos morreram ao longo dessas difíceis e extensas jornadas, vítimas de doenças, das intempéries, e dos ataques brutais de inimigos. Quase 6.000 pessoas estão enterradas entre o Rio Missouri e o Vale de Salt Lake. Seu amor pela verdade significava para eles mais que a própria vida.

Isso não mudou, desde aquela época. Cito as belas palavras que o Presidente David O. McKay dirigiu a um pequeno grupo de pessoas, há alguns anos:

"Tão absoluta quanto a certeza em vosso coração de

que esta noite será seguida pelo alvorecer, tal é minha convicção de que Jesus Cristo é o Salvador da humanidade, a Luz que dissipa a escuridão do mundo, por meio do evangelho restaurado através de revelação direta ao Profeta Joseph Smith."

Nosso amado Presidente Spencer W. Kimball disse: "Sei que Jesus Cristo é o Filho do Deus vivo e que foi crucificado pelos pecados do mundo.

Ele é meu amigo, meu Salvador, meu Senhor, meu Deus." (*Ensign*, novembro de 1978, p. 73)

A CERTEZA DA VERACIDADE DESTA OBRA

É esse tipo de certeza que possibilitou aos membros da Igreja enfrentarem a perseguição, o ridículo, o sacrifício de bens materiais e o afastamento de entes queridos para que o evangelho fosse levado a terras distantes. Essa mesma convicção é hoje fonte de motivação, como tem sido desde o princípio desta obra. A fé que milhões de pessoas têm na veracidade desta causa, que as leva a crer que Deus é nosso Pai Eterno e que Jesus é o Cristo, deve sempre ser a grande força motivadora em nossa vida.

Temos atualmente cerca de 47.000 missionários no campo, custando milhões de dólares a suas famílias. Por que fazem isso? Por causa de sua convicção da veracidade deste trabalho. O número de membros da Igreja aproxima-se de 10 milhões. Qual será a razão desse crescimento fenomenal?

Isso é resultado da certeza advinda ao coração de centenas de milhares de conversos a cada ano, que foram tocados pelo poder do Espírito Santo. Temos em andamento um grande e eficaz programa de bem-estar. Todos os que o conhecem ficam maravilhados. Ele somente funciona graças à fé dos que dele participam.

Com o crescimento da Igreja, precisamos construir novas casas de adoração, muitas centenas delas, a um custo bastante elevado. Mas as pessoas doam de suas posses para que isso seja possível, por causa de sua certeza sobre a veracidade desta obra.

O ESPÍRITO TRAZ A CERTEZA DOS RESULTADOS E DO TESTEMUNHO

É maravilhoso e assombroso saber que qualquer pessoa que desejar conhecer a verdade poderá ter essa certeza. O próprio Senhor deu-nos a fórmula, ao dizer: "Se alguém quiser fazer a vontade [do Pai], pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:17)

Será preciso estudar a palavra de Deus. Será preciso orar e procurar ardorosamente a fonte de toda a verdade. Será preciso viver o evangelho, fazer uma experiência, por assim dizer, no cumprimento dos ensinamentos. Não hesito em prometer, porque sei, por experiência própria, que tudo isso advirá pelo poder do Espírito Santo: uma convicção, um testemunho e um conhecimento seguros.

Muitas pessoas do mundo parecem incapazes de acreditar nisso. O que não percebem é que as coisas de Deus somente podem ser compreendidas pelo Espírito de Deus. É preciso esforço. É preciso humildade. É preciso oração. Mas é certo que os resultados virão e o testemunho também.

Se nosso povo, individualmente, perder essa certeza, a Igreja irá minguar como aconteceu com muitas outras. Não é esse meu temor. Estou confiante de que um número cada vez maior de membros irá buscar e alcançar essa convicção pessoal que chamamos de testemunho, que é conseguido por meio do poder do Espírito Santo e pode acalmar as tempestades da adversidade.

Para aqueles que vacilam, que estão confusos, que demonstram incerteza quando falam das coisas de Deus, estas palavras do livro de Apocalipse são apropriadas:

"Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente!

Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca." (Apocalipse 3:15–16)

Irmãos e irmãs, invoco as bênçãos do Senhor sobre todos e com toda a certeza de meu coração, presto-lhes

meu testemunho da verdade. Sei que Deus, nosso Pai Eterno, vive. Sei que Jesus é o Cristo, o Salvador e Redentor da Humanidade, o autor de nossa salvação. Sei que esta obra, da qual faço parte, é a obra de Deus. Sei que esta é a Igreja de Jesus Cristo. Grande são as oportunidades de servir neste trabalho; e forte e segura é a fé que nele temos. □

Temos hoje cerca de 47.000 missionários, o que custa milhões a suas famílias. Por que fazem isso? Devido à convicção na veracidade desta obra.

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Certeza é convicção. É o poder da fé que se aproxima do conhecimento, sim, e até mesmo se transforma em conhecimento.

2. A fé sempre foi e sempre deverá ser o alicerce da vida religiosa e da dedicação à religião.

3. Depois da morte do Senhor, os Apóstolos prosseguiram Sua obra, mesmo com o sacrifício da própria vida, por causa da certeza que tinham.

4. O Profeta Joseph Smith e aqueles que nos precederam no evangelho dos últimos dias, por diversas vezes, deixaram seus lares confortáveis para edificar a Igreja, por causa da convicção desta obra.

5. Toda pessoa que desejar conhecer a verdade poderá ter essa certeza, pois o próprio Jesus disse: "Se alguém quiser fazer a vontade [do Pai], pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo." (João 7:17)

Presidente Thomas S. Monson

Francis M. Gibbons

Gladys Monson estava com seu primeiro filho num leito do Hospital St. Mark, na Cidade de Salt Lake, no domingo de 21 de agosto de 1927, quando seu marido, G. Spencer Monson, contou-lhe que naquele dia fora apoiado um novo bispo da Ala Seis-Sete da Estaca Pioneer. A resposta da esposa, "Tenho um bispo novinho para você", provou ser profética. Em 7 de maio de 1950, esse filho, Thomas Spencer Monson, foi apoiado bispo dessa ala. Com menos de 23 anos de idade, o filho, que recebera o nome do pai e do avô materno, Thomas Sharp Condie, era talvez o bispo mais novo da época. A ala, com mais de 1.000 membros, incluindo 85 viúvas, tinha a mais séria responsabilidade de bem-estar da Igreja.

Qualquer dúvida quanto à capacidade do jovem bispo para lidar com tamanha carga administrativa estava fora de questão. Embora jovem, Thomas Monson não era um novato. Já servira como conselheiro em bispado, era veterano da Marinha dos Estados Unidos, formara-se com louvor na Universidade de Utah, era gerente da seção de anúncios classificados do jornal *Deseret News* e estava casado com uma bela jovem, Frances Beverly Johnson.

***Acima:* O menino Tom Monson. *Direita:* Retrato recente do Presidente Thomas S. Monson, tirado em 1995.**

Apoiado, o Bispo Monson trabalhou com o entusiasmo de sempre. Continuando o bom trabalho dos antecessores, melhorou a aparência da capela; as organizações dos jovens ganharam mais vigor, a freqüência da reunião sacramental aumentou enormemente, os necessitados foram ajudados e as viúvas receberam atenção e cuidados. Na verdade, o carinho do Bispo Monson pelas viúvas permanece como o marco mais duradouro de seu trabalho. É bem conhecido o fato de que, na época de Natal, ele ia pessoalmente à casa de cada uma das viúvas, com um presente e uma bênção. Esse costume continuou ao longo dos anos. A princípio, ele tirava uma semana das férias para esse serviço. Na data em que esta biografia foi escrita, apenas seis dessas viúvas continuavam vivas. No próximo Natal, as que estiverem vivas poderão esperar sua visita.

Esses feitos não passaram despercebidos. Na conferência de junho de 1955 da Estaca Temple View, o Presidente Joseph Fielding Smith apresentou o nome do Bispo Thomas S. Monson como segundo conselheiro do presidente da estaca, Percy K. Fetzer. O Presidente Smith disse: "O Bispo Monson nada sabe sobre esta nomeação, mas, se aceitá-la, gostaríamos de ouvi-lo agora." Pego de surpresa, o Irmão Monson teve que improvisar. Após um instante de pausa no púlpito, começou referindo-se a um hino que fora cantado momentos antes, cuja letra aconselhava obediência à Palavra de Sabedoria: "Tenha coragem, meu rapaz, de dizer não." Ele, então, criou o tema "Tenha Coragem, Meu Rapaz, de Dizer Sim." Esse tema vem sendo repetido na vida de

FOTOGRAFIA DE DON BUSATH

Esquerda: **Alguns amigos (da esquerda): Jack Hepworth, Glen Bosen e Tom Monson.** ***Direita:*** **A família do Presidente Monson no fim de 1960; sentido horário do topo, *à esquerda:* Thomas L., Ann, Élder Monson, Irmã Monson e Clark S.** ***Extrema direita:*** **O Élder Monson, com terno escuro, visita a Missão Tonganesa em 1965; a sua direita está o Presidente da Missão Tonganesa, Patrick Dalton, e à esquerda está a Síster Dalton.** ***Abaixo:*** **Uma foto de 1955, tirada quando o Presidente Monson servia como conselheiro na presidência da Estaca Temple View.**

Thomas S. Monson. Seu trabalho na presidência da estaca incluía responsabilidade pelos programas dos jovens. Seu papel no Escotismo da Ala Seis-Sete e da estaca prenunciou sua eminente liderança nos Escoteiros da América. Hoje ele é o membro mais antigo da junta executiva nacional dessa organização. Já recebeu os distintivos Castor de Prata e Búfalo de Prata, além do Lobo de Bronze, a mais alta condecoração do escotismo internacional. Foi honrosamente desobrigado da presidência da estaca quando se mudou, com Frances e os dois filhos, Tom e Ann, para sua casa nova em Holladay.

Nesse ínterim, o Presidente Monson fez grande progresso nos negócios. Quando os jornais *Deseret News* e *Salt Lake Tribune* criaram a Newspaper Agency Corporation (Associação de Jornais) em 1952, ele tornou-se gerente-assistente dos anúncios classificados. Logo depois, foi nomeado gerente geral assistente e gerente de vendas do Deseret Press. Quando a prensa tipográfica foi substituída pela prensa de ofsete, a companhia concentrou-se principalmente na impressão de listas telefônicas, revistas em cores, jornais de comércio, catálogos, livros e uma variedade de materiais para a Igreja. Ele trabalhou também na Indústria Impressora de Utah, como presidente. Além disso, tornou-se membro da junta de diretores da Indústria Impressora dos Estados Unidos, que promovia contatos com as principais impressoras do mundo.

Na Deseret Press, o Irmão Monson ajudou o Presidente J. Reuben Clark Jr. a preparar, para publicação, seu manuscrito *Our Lord of the Gospels (Nosso Senhor dos Evangelhos)*. Eles reuniram-se regularmente, durante meses, no escritório do Presidente Clark. O relacionamento que se desenvolveu entre eles foi quase de pai e filho. Quando Thomas S. Monson foi chamado para presidir a Missão Canadense, levou Frances e os filhos para uma visita ao Presidente Clark.

Frances estava grávida de seu terceiro filho e os Monsons disseram ao Presidente que, se fosse um menino, receberia o nome dele. Quando o Presidente soube que o nome seria Clark insistiu: "Não tenham medo de 'Joshua Reuben'". Quando Clark Spencer Monson nasceu em Toronto, Canadá, os pais informaram o Presidente Clark por telégrafo. Ele respondeu com uma carta clássica (um tesouro da família Monson) dirigida ao bebê.

O Presidente Spencer W. Kimball considerava Thomas S. Monson "um verdadeiro realizador", ou seja, alguém que age pronta e resolutamente. Seu trabalho como presidente de missão foi marcado pela vivacidade e ilimitado otimismo. Concentrava-se nos missionários. Rapidamente aprendia o nome deles, ensinava-os e aconselhava-os regularmente, incentivando cada um a dar o melhor de si. Esse carinho evitou retornos antecipados ou ações disciplinares. Nenhum missionário que serviu sob a direção do Presidente Monson foi desobrigado desonrosamente ou voltou para casa antes de completar a missão. Essa liderança refletiu-se nas realizações dos missionários sob sua presidência, quando o número de conversos por missionário e batismos de conversos subiu rapidamente, resultando num ativo programa de construção.

Um destaque da missão dos Monsons foi a criação da Estaca Toronto, a 300ª estaca da Igreja. Isso ocorreu durante a visita do Élder Mark E. Petersen à missão. O companheiro do Élder Petersen, Élder Alma Sonne, perguntou por que as reuniões de domingo não podiam ser realizadas no mesmo local das reuniões do sábado, o grande auditório de uma escola. Frances explicou: "A multidão que meu marido espera não caberia neste lugar." Ela estava certa. Mais de 2.200 pessoas lotaram o Teatro Odeon Carleton, deixando muitos de fora. Foi, talvez, a maior reunião de santos dos últimos dias até aquela data. As garçonetes dos restaurantes próximos estavam perplexas com a venda de uma bebida sem cafeína, até que souberam que se tratava de uma reunião de mórmons.

Durante sua estada em Toronto, o Presidente Monson conheceu um proeminente homem de negócios canadense, N. Eldon Tanner. Após o primeiro encontro, ao voltar para a casa da missão, Tom disse a Frances: "Esse homem está destinado a ser um membro do Conselho dos Doze." Como sabemos, N. Eldon Tanner tornou-se também membro da Primeira Presidência, servindo eficientemente quatro Presidentes da Igreja durante quase duas décadas. O primeiro encontro desses dois homens ganha ainda mais importância quando vemos que a vaga criada no Conselho dos Doze Apóstolos, em 4 de outubro de 1963, quando N. Eldon Tanner foi apoiado como membro da Primeira Presidência, foi preenchida no mesmo dia por Thomas S. Monson. Uma admiração mútua sempre existiu entre os dois.

Pouco depois de retornar do Canadá, em fevereiro de 1962, Thomas S. Monson foi nomeado

Acima, à esquerda: **O Élder Howard W. Hunter, o Élder Gordon B. Hinckley e o Élder Thomas S. Monson do Quórum dos Doze Apóstolos debatem um assunto com o Presidente Spencer W. Kimball entre as sessões de uma conferência geral.** ***Acima, à direita:*** **O Élder Monson nos primeiros anos como membro do Quórum dos Doze Apóstolos.** ***Esquerda:*** **O Presidente Monson (centro) com líderes do governo da Alemanha Oriental, em outubro de 1988.** ***Abaixo:*** **Durante muitos anos, o Presidente Monson cultivou o passatempo de criar pombos.**

gerente geral da Deseret Press. O trabalho envolveu grande investimento de capital para substituir o equipamento antigo pelas velozes máquinas modernas. Isso exigiu um completo programa de treinamento de todo o pessoal que lidava com as máquinas. Enquanto estava imerso nessas complexas operações, examinando os detalhes de sua nova posição executiva, o Irmão Monson foi chamado para uma série de designações na sede da Igreja: Primeiramente, recebeu um chamado para servir no Comitê Missionário do Sacerdócio, sob a direção do Presidente Spencer W. Kimball. Depois, foi chamado para

servir no Comitê Genealógico do Sacerdócio, sob a direção do Élder N. Eldon Tanner, que era, na época, membro do Quórum dos Doze Apóstolos. Foi mais tarde chamado para servir no Comitê de Correlação dos Adultos e depois no Comitê de Ensino Familiar do Sacerdócio, sob a direção do Élder Marion G. Romney. Em todos esses cargos, assistiu a conferências de estaca na companhia de Autoridades Gerais e deu instruções, dentro do campo de ação de seu chamado, a líderes de estacas e alas. Certa vez, quando estava com o Élder Romney, ele até ultrapassou seu campo de ação, dando instruções adicionais a respeito de bem-estar, assunto em que tivera muita experiência enquanto servira como bispo da Ala Seis-Sete.

Em outubro de 1963, Thomas S. Monson já havia convivido com a maioria das Autoridades Gerais da Igreja, incluindo o Presidente David O. McKay, que ouvira seu relatório de missão e a quem levara para uma visita às dependências da fábrica da Deseret Press. Todos eles sabiam do treinamento que o Irmão Monson havia recebido e de sua longa experiência em níveis de ala, estaca, missão e nas designações da Igreja em âmbito geral. Assim, com a excelente reputação que adquirira em cada posição ocupada, tanto em cargos da Igreja como fora dela, não foi surpresa para todos esses irmãos, quando o Presidente McKay, por revelação, chamou Thomas S. Monson para o Quórum dos Doze Apóstolos, com a idade de 36 anos. Foi o homem mais jovem a ser chamado para os Doze desde 1910, quando Joseph Fielding Smith foi chamado aos 33 anos. Quando ele começou a discursar nas conferências gerais e de estaca, os membros tomaram conhecimento de seu estilo eloqüente e persuasivo no púlpito. E quando dava instruções nas conferências de estaca, ou quando visitava missões, era visto como alguém sábio, experiente e inspirado.

Os membros da Igreja, porém, viam esse homem como muito mais do que um líder competente e objetivo. Instruído em teologia da Igreja, ele foi considerado uma pessoa preordenada antes de nascer para tornar-se Apóstolo de Jesus Cristo e profeta, vidente e revelador. Eles olhavam-no como integrante daquele seleto grupo de líderes mostrados em visão a Abraão (ver Abraão 3:22–23) e situavam-no ao lado dos profetas bíblicos e dos 76 homens da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que o haviam precedido como membros do Quórum dos Doze Apóstolos.

A família do Élder Monson via nele ainda mais do que isso. Eles acompanharam o processo pelo qual ele avançou da infância à condição apostólica. Vê-lo ao púlpito do Tabernáculo como Apóstolo nunca poderia apagar as lembranças que tinham do jovem Tommy Monson, que era muito estimado no "Terraço" (The Terrace), nas ruas Fifth South e Second West. Este era um aglomerado de casas construídas pelo Avô Condie, que deu uma casa a cada uma das filhas e seus maridos. O avô tinha também uma casa de campo no Parque Vivian, à margem do Rio Provo, onde as famílias se reuniam no verão. De fato, até a metade da adolescência, ano após ano o Presidente Monson passou boa parte de julho e agosto no parque Vivian. Foi lá que se iniciou em seu passatempo favorito: pescaria. Com o correr do tempo, ele evoluiu da humilde vara de pescar de sua infância a um sofisticado molinete com isca artificial. Supõe-se que um dos pontos altos de sua carreira como pescador tenha acontecido na Nova Zelândia, quando ele e Wendell Mendenhall usaram uma isca artificial chamada "Parson's Glory" (Glória do Pároco). A reputação de honestidade do Irmão Monson nos impele a acreditar em seu relato de que o passeio lhes rendeu muitas trutas-arco-íris "de dois quilos e maiores".

Em casa, Tom Monson recebeu a influência de pais cujas sólidas raízes vinham da Escandinávia e da Grã-Bretanha. O pai era de descendência sueca e inglesa; a mãe, escocesa. Eles ensinaram-lhe a ser caridoso e a trabalhar arduamente, entre outras virtudes. Como "O Terraço" não ficava longe da via férrea, pessoas de

passagem sempre batiam à porta dos fundos dos Monsons para pedir comida. Gladys Monson nunca lhes negou ajuda. Além disso, convidava-os a entrar na cozinha e sentar-se à mesa enquanto ela preparava um sanduíche, que era normalmente servido com um copo de leite. O Presidente Monson também se recorda de que levava pratos quentes preparados por sua mãe a um vizinho solitário, carinhosamente chamado de "Velho Bob". "Deus o abençoe, meu rapaz", dizia o Velho Bob, com os olhos muitas vezes cheios de lágrimas. "Você tem uma mãe maravilhosa." Esses não eram casos isolados de bondade; eles ilustravam um constante padrão de conduta caridosa. O exemplo não deixou de ter efeito sobre o rapaz.

Tampouco lhe passaram despercebidos os diligentes esforços do pai no intuito de sustentar a família durante a Depressão. G. Spencer Monson era gerente da Companhia Western de Registro de Hotéis, uma gráfica que imprimia registros de hotéis, cardápios e outros materiais. Com tenra idade, Tom começou a ajudar o pai, primeiramente trabalhando em empregos esporádicos e, mais tarde, aprendendo o ofício de impressor. Isso lhe ensinou a valorosa lição do trabalho, ao mesmo tempo que o introduziu num negócio que viria a ocupar muitos de seus anos de adulto. Com efeito, hoje ele serve como presidente da junta diretora da Deseret News Publishing Company.

De descendência sueca, Frances, com sua postura e amabilidade nativas, foi facilmente integrada ao clã dos Monsons no "Terraço". E no primeiro encontro de Tom com a família dela, ele ganhou preferência sobre os outros pretendentes quando se soube que seu tio-avô, Elias Monson, havia ajudado a converter a família Johnson na Suécia. Lágrimas corriam pela face de Franz e Hildur Johnson quando abraçaram o futuro genro. Embora esse fato tenha causado um pouco de embaraço a Frances, que não imaginara tão calorosa recepção para o namorado, ela e Tom chegaram, mais tarde, à conclusão de que o relacionamento de seus antepassados suecos pode ter indicado mais do que mera coincidência.

Os moradores do "Terraço do Condie" eram bem conhecidos do Presidente Harold B. Lee, que presidiu a Estaca Pioneer durante os anos da Depressão. O Presidente Lee desenvolveu um interesse específico por Tom Monson. Entre outras coisas, ordenou-o sumo sacerdote e designou-o conselheiro no bispado. Mais tarde, Tom buscou o conselho do Élder Lee com relação a sua posição na Reserva Naval e a um chamado para um posto que ele almejava havia muito tempo e finalmente conseguira. A princípio ele questionou o conselho do Élder Lee de que recusasse o posto e pedisse baixa da Reserva Naval. Tom racionalizou que não era problema desistir do posto, mas seu pedido de baixa poderia não ser aceito devido ao aumento das tensões no Oriente. "Tenha mais fé, Irmão Monson", disse o Élder Lee. "Seu futuro não está nas Forças Armadas." Tom seguiu o conselho e foi dispensado da Reserva Naval no último grupo de baixas antes do início da Guerra da Coréia. O nome do primeiro filho do Élder Monson, Thomas Lee Monson, demonstrou seu amor por Harold B. Lee.

Sugestivamente, a primeira designação do Élder Monson para uma conferência de estaca, após sua ordenação ao Quórum dos Doze, foi acompanhar o Élder Harold B. Lee a Edmonton, Canadá. Com eles estava Glen L. Rudd, membro do Comitê de Bem-Estar do Sacerdócio e ex-bispo e amigo, da Estaca Pioneer.

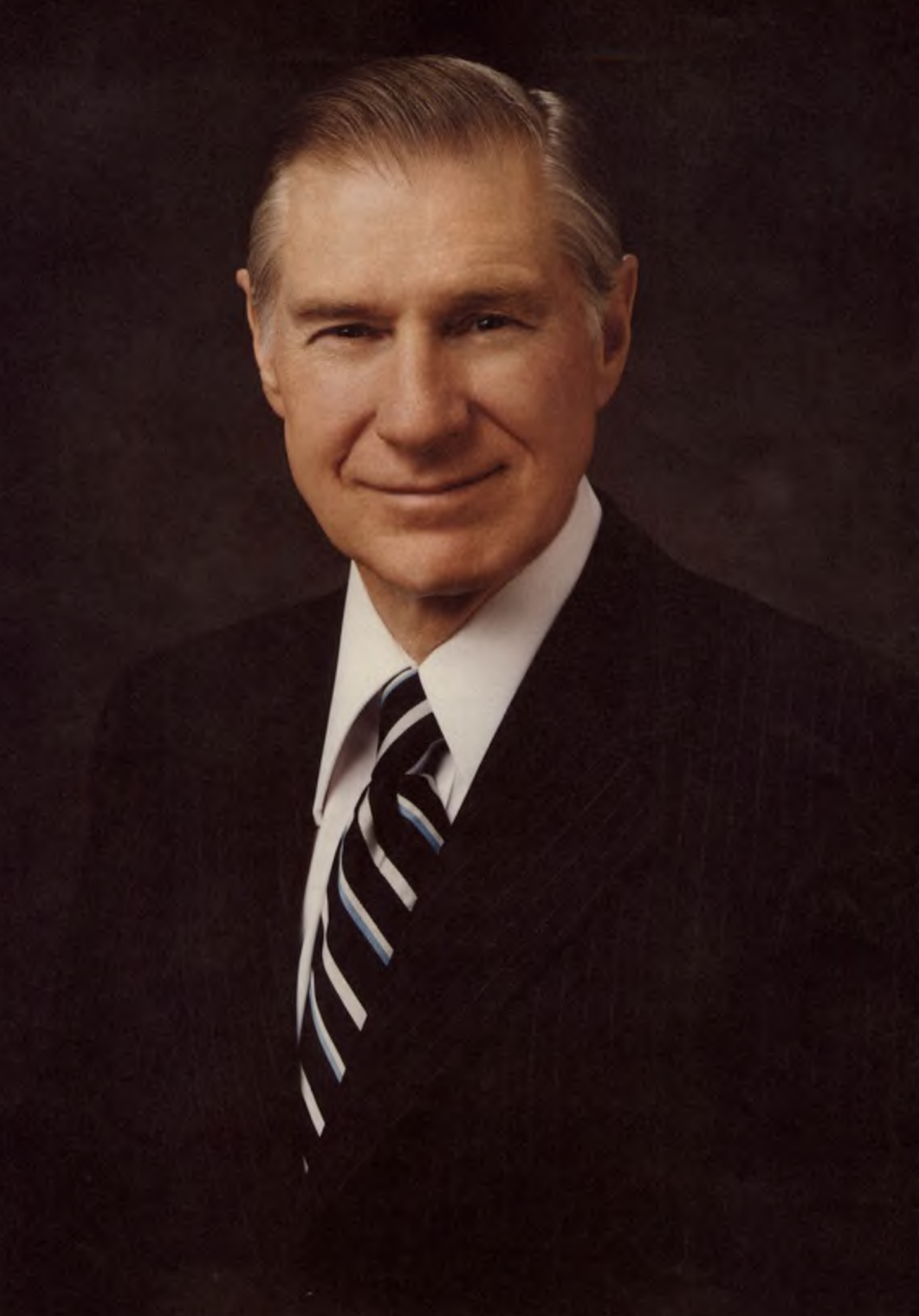
Como membro dos Doze, o Élder Monson trabalhou com o Élder Lee em assuntos de correlação. Embora um membro júnior dos Doze, Élder Monson foi nomeado como encarregado do Comitê de Correlação dos Adultos, tornando-se responsável por todos os programas e cursos de estudo dos adultos. Tornou-se também encarregado do Comitê de Liderança, sendo responsável pelo treinamento das Autoridades Gerais com respeito aos programas da Igreja a serem ensinados nas conferências de estaca. Mais tarde, tornou-se encarregado do

***Acima, à esquerda:* A Primeira Presidência na dedicação do Templo de Denver Colorado, em 1986. *Da esquerda:* O Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro, o Presidente Ezra Taft Benson e o Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro. *Acima, à direita:* O Presidente e a Irmã Monson durante a comemoração dos Dias de 47, em 1991.**

Comitê Executivo Missionário e encarregado do Comitê Executivo de Bem-Estar da Igreja. Seus cuidados com os necessitados vão além dos membros. Por exemplo, ele lutou ativamente pela participação da Igreja no fornecimento de sopas da Paróquia de St. Vincent de Paul e por um abrigo para os sem-teto da Cidade de Salt Lake. Recentemente, foi homenageado pela Catholic Community Services (Serviços da Comunidade Católica) por sua preocupação ecumênica com pessoas de todas as fés. Nesse ínterim, o Irmão Monson teve a responsabilidade apostólica de supervisionar as missões da Costa Oeste, do Pacífico Sul e da Europa, consecutivamente. Durante essa última designação, que exigiu visitas freqüentes durante 20 anos, o Presidente Monson foi um instrumento para que se conseguisse construir o Templo de Freiberg, Alemanha, situado atrás da Cortina de Ferro. O templo foi dedicado em junho de 1985. Quatro anos mais tarde, após contatos do Presidente Monson com líderes do mais alto escalão do governo, os missionários SUD foram admitidos na Alemanha Oriental pela primeira vez em 50 anos. Além disso, missionários da Alemanha Oriental puderam trabalhar em outros países. Acontecimentos relacionados a esses marcos da história da Igreja revelaram a presença de influências divinas que os tornaram possíveis.

Em todas as suas designações, o Irmão Monson tem mostrado sensibilidade espiritual incomum. Ele aprendeu a reagir aos sussurros espirituais prontamente e sem questionar. Uma vez, ao cumprimentar um grupo de líderes do sacerdócio, ele "soube" que um certo bispo, de quem havia apertado a mão, deveria ser patriarca. Repetidamente, ele tem tido experiências semelhantes, o que reflete a promessa de sua bênção patriarcal de que ele teria o "espírito de discernimento". Mas esses momentos de revelação não se limitam ao chamado de líderes. Não é raro receber essa inspiração quando está aconselhando, falando ao telefone ou ponderando medidas pessoais. É um dom espiritual que ele recebeu em abundância.

Por 32 anos, os membros da Igreja têm recebido inspiração e instrução com os sermões do Presidente Monson em conferências gerais. Seus sermões e escritos mais significativos e mais pertinentes a seu papel como testemunha especial são aqueles em que ele presta testemunho. "Testifico que Deus realmente existe", ele diz, "que Jesus é o Cristo, nosso irmão mais velho, nosso Mediador junto ao Pai, nosso Senhor e nosso Salvador, nosso Redentor. Sei que Ele vive e presto-vos este solene testemunho. Que possais ter o mesmo testemunho no coração, para guiar-vos ao longo de vossa viagem por este planeta, na mortalidade, e em direção aos mundos eternos de nosso Pai Celestial." □



PRESIDENTE JAMES E. FAUST

Por Élder Neal A. Maxwell
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Não se pode realmente entender o Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, sem antes entender os princípios que regem sua vida e a prioridade que ele dá à família. Dois episódios paralelos, contados por sua companheira eterna, Ruth, são especialmente ilustrativos.

O primeiro refere-se a seu primeiro chamado como Autoridade Geral, em 1972: "Tivemos uma noite familiar especial, estando presente nosso único neto na época. Jim dirigiu-se a cada um dos filhos, dizendo o que cada um tinha de especial. Depois, falou-lhes sobre seu chamado, enfatizando que, se não fosse um bom pai, não poderia ter sucesso como Autoridade Geral. E acrescentou: "'Nunca serei desobrigado de meu chamado como pai e avô.'"

No segundo episódio, quando foi chamado para a Primeira Presidência, o Presidente Faust fez exatamente a mesma coisa! Em 1995, a reunião contou com 22 netos e ele terminou-a dizendo novamente quão importantes todos eram para ele e que não poderia ter sucesso como membro da Primeira Presidência se não fosse um bom pai. Sister Faust observou ainda: "Esse é o tipo de pessoa que ele tem sido durante toda a vida. A família e os entes queridos vêm em primeiro lugar!"

Nascido em 31 de julho de 1920, James E. Faust adquiriu dede menino a integridade e compaixão que marcam seu serviço ao próximo.

Imensa integridade sempre acompanhou suas prioridades fixas. A necessidade desse atributo fundamental foi incutida no jovem Jim Faust e em seus companheiros sacerdotes pelo Bispo T. C. Stayner: "Seja honesto e cumpra sua palavra." De inúmeras formas, esse conselho tem sido seguido pelo Presidente James E. Faust, o que resultou na integridade pública e privada pela qual ele foi merecidamente conhecido ao longo de toda a sua vida. Aqueles que o conhecem sabem que ele não cede a mera pressão, mas pode ser persuadido por princípios. O filho Robert, que compartilha dos sentimentos dos irmãos, fala da fidelidade do pai ao lema "Sê fiel a ti mesmo", citando um conselho que ele dava regularmente: "A coisa mais importante é seu bom nome e reputação."

Por tal integridade, aliada a sua capacidade, foi eleito, pelos colegas advogados, presidente da Associação da Ordem dos Advogados do Estado de Utah, em 1962–63. Essa mesma combinação de atributos refletiu-se em sua maneira de advogar e conquistou a confiança de seus clientes, entre eles a Igreja Católica local. No verão de 1995, a Associação da Ordem dos Advogados do Estado de Utah agraciou o Presidente Faust com o Prêmio de Eminente Advogado Emérito, uma merecida homenagem que seu pai, George Faust, que era juiz, particularmente apreciaria.

Por natureza, o Presidente Faust tem grande consideração pelas pessoas que estão nas trincheiras do serviço público, o que reflete o

FOTOGRAFIA DE HOWARD MOORE, CORTESIA DE *DESERET NEWS*.

Acima, à esquerda: **Enquanto servia na Força Aérea dos Estados Unidos, James casou-se com Ruth Wright no Templo de Salt Lake. Antes do serviço militar, ele cumpriu missão no Brasil, *abaixo, à direita. Acima, à direita:* Com os pais, George e Amy Faust, e seu filho James. *À esquerda:* Como presidente da Estaca Cottonwood da Cidade de Salt Lake, em 1956. *Abaixo, à esquerda:* Falando numa conferência de Meninas-Moças em junho de 1974, quando era Assistente dos Doze.**

tempo em que serviu no Corpo Legislativo do Estado de Utah. Vasta experiência no serviço público fez dele um encarregado ideal do Comitê de Assuntos Públicos da Igreja, posição que ocupou por muitos anos.

Não é de admirar, portanto, que James Faust tivesse conquistado a confiança das Autoridades Gerais muito antes de se tornar uma delas.

Essa mescla de integridade e capacidade fez com que outros recorressem a sua sabedoria. Isso aconteceu nos anos 60, quando o Presidente Faust foi nomeado para o Comitê de Estudos do Legislativo de Utah, que estudava reformas, e, depois, para a sucessora mais abrangente dessa organização, a Comissão de Revisão Constitucional de Utah.

Sua integridade e capacidade são acompanhadas de

grande lealdade e sensibilidade. Margaret Bury, secretária do Presidente Faust por muitos anos, observa: "Ele trata todo mundo bem, seja um juiz ou um zelador."

"Aprendi com ele o significado de lealdade", comenta seu filho Marcus. "Meu pai marcava hora com dois barbeiros, um logo depois do outro. O primeiro era o barbeiro de meu avô, um companheiro da I Guerra Mundial que, de tão velho, estava perdendo a visão e a firmeza nas mãos. O segundo era um barbeiro muito conhecido." Não é de admirar que Marcus fizesse o seguinte comentário: "Meu pai tem muito tato e é capaz de lidar com situações delicadas sem causar mágoas. Ele consegue 'andar no concreto mole e não deixar pegadas'".

Embora seja conhecido como uma pessoa gentil e amável por natureza, o Presidente Faust é capaz de dizer as coisas difíceis que precisam ser ditas ocasionalmente pelo bem do trabalho. Sua amizade é do tipo que, se for preciso, ele está pronto a dizer aquilo que um amigo precisa ouvir.

O Presidente Thomas S. Monson escreveu: "James E. Faust e eu temos servido juntos por muitos anos em comitês gerais compostos por membros da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze, como companheiros no Conselho dos Doze e em funções de liderança referentes à Deseret News Publishing Company. É um homem de bom senso, mente aguçada e notável capacidade de liderança. É um bom ouvinte e sábio em suas decisões. Tem um testemunho inabalável."

O Presidente Faust passou boa parte da vida trabalhando em grupo para servir o próximo, mas também sabe o que é ficar sozinho; sua lealdade e integridade sobreviveram também em tempos de solidão. Sendo o único membro da Igreja num navio de transporte no Pacífico Sul na II Guerra Mundial (que por 83 longos dias rebocou um barco maior para um porto), aos domingos, só, ele adorava ao Senhor buscando locais onde pudesse cantar os hinos de seu hinário de bolso, ler as escrituras, meditar e orar. Muitas vezes teve de ir à proa do navio, onde as ondas abafavam o som dos hinos. É claro que essa disciplina espiritual constante reflete o treinamento especial recebido dos pais, George A. e Amy Finlinson Faust.

Uma das pessoas que assistia pela televisão ao primeiro discurso do Presidente Faust como Autoridade Geral foi sua mãe viúva. Ela chorou de alegria por causa do chamado do filho. O Presidente Faust não só recebera ótimo treinamento dos pais, mas também dos avós, que foram pioneiros convertidos. Por exemplo, a Vovó Faust contou a Jim ter ouvido Brigham Young falar no Tabernáculo. Décadas antes, o bisavô do Presidente Faust, um jovem imigrante alemão de passagem por Utah na corrida do ouro para a Califórnia, conheceu uma jovem em Fillmore. Ficou tão atraído por ela que garimpou somente o ouro suficiente para comprar uma aliança e correu de volta para casar-se e mais tarde filiar-se à Igreja!

O amor de sua mãe pelo Livro de Mórmon foi transmitido ao filho. O Presidente Faust diz que o exemplar do Livro de Mórmon dela ficou bastante gasto pelo uso: "Praticamente toda página estava marcada; a despeito do manuseio cuidadoso, algumas folhas tinham os cantos dobrados e a capa estava puída. Ninguém precisava dizer-lhe que se pode chegar mais perto de Deus lendo o Livro de Mórmon do que (lendo) qualquer outra obra. Ela já estava perto Dele." (*A Liahona*, janeiro de 1984, p. 13.) De quando em quando, em reuniões no templo, o Irmão Faust ainda leva consigo o pequeno e gasto Livro de Mórmon da mãe para compartilhar com os Irmãos alguma passagem vigorosa.

O Presidente Gordon B. Hinckley, que chamou o Presidente Faust como seu Segundo Conselheiro, comenta: "O Presidente James E. Faust chegou a esse ofício com o tipo de maturidade que resulta de longa experiência na Igreja. Essa experiência, somada à sabedoria desenvolvida como advogado, dá-lhe grande força para desempenhar as funções do sagrado chamado que recebeu."

Acima, à esquerda: **Na cerimônia de abertura da terra do Templo de São Paulo, em 1976.** ***Acima, à direita:*** **Élder e Sister Faust com Janath e Edwin Q. Cannon Jr. (esquerda) e Rachel e Rendell N. Mabey (direita), os primeiros missionários residentes da Nigéria.** ***Abaixo, à direita:*** **Uma foto de uma conferência geral de 1974.** ***Acima:*** **Durante a construção do Centro Jerusalém da Universidade Brigham Young, o Élder Faust trabalhou com o Élder Howard W. Hunter e o então presidente da Universidade Brigham Young, Jeffrey R. Holland.**

Bem cedo, a semente do evangelho encontrou solo fértil em James Esdras Faust. Quando tinha apenas 17 anos, foi chamado como conselheiro da superintendência da Escola Dominical de sua ala. Aos 28, foi ordenado bispo. Desde essa época, já fez tudo em matéria de serviço na Igreja: foi sumo conselheiro de estaca, presidente de estaca, representante regional dos Doze, Assistente dos Doze, Setenta e Apóstolo. Em cada um desses chamados, demonstrou que um bom líder é sempre um bom ouvinte.

Significativamente, o Presidente Harold B. Lee, que o chamou como Assistente dos Doze, foi também

quem ordenou o jovem James E. Faust quando foi chamado como bispo.

Quando o Presidente Faust se pronuncia, é sempre porque já escutou. Repetidas vezes, os companheiros o viram escutar pacientemente discussões que apenas rodeavam um assunto e, depois, ir direto ao âmago da questão. Ele o faz amavelmente, mas, se necessário, com muita firmeza.

O Presidente Faust acha muito importante lembrar-se do primeiro nome das pessoas. Ademais, quando faz perguntas, elas nunca são mecânicas. Ele espera e ouve as respostas.

Após terminar a escola secundária, onde ganhou medalhas de atletismo e teve ótimo desempenho em futebol americano, seu curso superior na Universidade de Utah, onde correu as provas de revezamento 4x110 m e 4x400m, foi interrompido duas vezes—uma para servir como missionário por 33 meses no Brasil e, mais tarde, para servir na Força Aérea dos Estados Unidos na II Guerra Mundial.

Outros episódios que serviram de preparação em sua vida demonstram desígnio divino. Não muito tempo depois de chegar ao Brasil, o jovem Élder Faust foi trabalhar com o Élder Wm. Grant Bangerter, seu segundo companheiro missionário. Nessa época, os missionários estavam tendo bem pouco sucesso. O companheiro sênior observou o jovem Élder Faust ousadamente aproximar-se de uma de suas primeiras casas. O Élder Bangerter, cético, pensou que o companheiro não conseguiria conversar o bastante para conseguir qualquer coisa. Ele até ficou de costas, deixando claro que o contato era do Élder Faust e não dele! Mas a conversa do jovem Élder Faust com a mulher no parapeito da janela levou a família Dedo-Valeixo a filiar-se à Igreja (ver *Ensign*, out. de 1986, p. 6).

Muitos anos depois, em 1975, o Élder Faust presidiu toda a América do Sul, morando no Brasil. Ser responsável por um continente inteiro não foi fácil. Havia desafios em toda parte, mas uma de suas alegres recompensas foi o papel de incentivador e supervisor da construção do Templo de São Paulo. Para ele, o crescimento no Brasil, país que muito ama, continua sendo "uma grande fonte de assombro e de satisfação pessoal."

Das "grandes almas" que influenciaram sua vida, a maior é a esposa, Ruth. Eles se conheceram quando estudavam na Escola Secundária Granite e foram selados no templo durante uma curta licença militar do Presidente Faust antes de partir em longa viagem para o Pacífico.

Sua profunda devoção a Ruth pode ser medida pelo fato de que ele, enquanto esteve distante, durante a II Guerra Mundial, escreveu-lhe uma carta por dia. As cartas não chegavam em tempos regulares e, um dia, Ruth Faust recebeu 90 cartas. Seu patrão deu-lhe a tarde livre para que fosse para casa lê-las.

Esse amor e respeito exemplar aprofundou-se, como observa a filha, Lisa: "Meu pai sempre deixou muito claro o quanto ama minha mãe e respeita a feminilidade. Ele sempre a tratou branda e afetuosamente."

Essa prioridade é confirmada pelo filho James H. Faust: "Meus pais colocaram em prática a filosofia de que genros e noras devem ser tratados melhor do que filhos (. . .). Isso fez com que seus genros e noras sentissem um amor por eles que se aproxima ou se iguala ao amor que têm por seus próprios pais."

O amor do Presidente Faust por Ruth é ilustrado pelo que aconteceu quando ele foi apoiado como membro do Conselho dos Doze, em 30 de setembro de 1978: enquanto recebia calorosos cumprimento das Autoridades Gerais no púlpito, sua principal preocupação era: "Onde está minha esposa?" Até hoje, após proferir um discurso na conferência, ele olha para Ruth a fim de receber seu sorriso de aprovação.

Um dia, o Élder Boyd K. Packer perguntou ao Presidente Faust: "Como teria sido sua vida sem Ruth?" O Presidente Faust passou as 24 horas seguintes pensando, em suas palavras, no "que teria sido de mim sem o amável e terno apoio e a disciplina de Ruth Wright. Fiquei um pouco chocado só de pensar no que a vida seria e teria sido sem ela."

FOTOGRAFIA DE DAVID CONLEY, CORTESIA DE DESERET NEWS

(*Ensign*, julho de 1981, p. 35.)

Sua filha Janna diz que, aliado à "sabedoria inerente" de seu pai, está "seu grande amor e devoção por minha angélica mãe, Ruth."

Considerando-se a empatia do Presidente Faust, não é de admirar que pergunte regularmente a respeito do bem-estar dos familiares das Autoridades Gerais.

Embora o Presidente Faust já tivesse demonstrado uma considerável grandeza em seus vários cargos, ao longo dos anos, seus companheiros viram-no tornar-se ainda maior ao magnificar altos e sagrados chamados. Assim sendo, seu desempenho tem sido santificado não somente para o bem-estar dele próprio, mas em prol da obra do Senhor (ver 2 Néfi 32:9).

O Presidente Faust tem, igualmente, a capacidade de aprender com experiências difíceis. Ele conta do cordeiro que ganhou do pai quando era criança e como cuidou do animal—exceto numa noite em que caiu uma grande tempestade e o cordeiro morreu, o pai que tinha ferimentos de estilhaços de granada da I Guerra Mundial, censurou o jovem Jim, Dizendo: "Não pode nem tomar conta de um cordeirinho?" (Ver *Ensign*, Maio de 1995, p. 46.) As responsabilidades do pastor estão profundamente gravadas na alma do Presidente Faust. Ele tem sido um pastor muito consciencioso inclusive em seu carinho e preocupação para com os adultos solteiros.

Ele carrega consigo uma rica herança da Igreja, que leva a muitas partes do mundo onde, como descreve, "a Igreja é nova e está lutando para estabelecer-se". Todavia, não só partilha essa herança, mas também ganha com sua experiência no exterior, como ilustra um episódio ocorrido em Gana, durante a II Guerra Mundial. Estando o Irmão Faust quase adormecido sob uma tela de proteção contra mosquitos, um subordinado ganense parecia procurar a carteira do americano. O Irmão Faust descobriu que, em vez disso, o bondoso ganense estava apenas aconchegando-lhe as cobertas. "Sou cristão", garantiu-lhe o subordinado.

O Presidente Faust, um intenso mas humilde observador, é vagaroso para julgar as razões dos outros. Uma pessoa dá prova de humildade genuína quando é humilde tanto com os que estão abaixo quanto com os que estão acima dela. Assim é o Irmão Faust.

O Presidente Faust já fez orações dedicatórias no Sri Lanka, em Uganda, no Quênia, na Letônia e em Zimbábue. Visitou e rededicou a China e voltou, décadas depois, à África Oriental, a fim de estabelecer a Igreja.

Ele tem incomum sensibilidade e empatia pelo que as pessoas do mundo passam em termos de pobreza e sujeição política. Tem visto muito disso em suas viagens. Entre seus esforços extras, está o trabalho no Oriente Médio—tanto em Israel (onde, entre outras atividades, ele ajudou a implantar o magnífico Centro Jerusalém da Universidade Brigham Young) como entre os palestinos. Criou um incomum laço de confiança com o ex-prefeito de Jerusalém, Teddy Kollek. O Irmão e a Irmã Faust acompanharam o Coro do Tabernáculo em sua recente visita à Terra Santa. Sob a direção do Presidente Howard W. Hunter e com a ajuda do Élder Jeffrey R. Holland, que na época era membro dos Setenta, muitas coisas boas têm sido feitas em nações não-cristãs no Oriente Médio, por meio dos esforços do Presidente Faust.

Tem sido uma viagem longa e movimentada para um menino de Delta, Utah! O que já passou continua sendo um prólogo. Seu companheiro de muitos anos, Élder David B. Haight, do Quórum dos Doze Apóstolos, observa: "Sempre gostei de ouvir suas histórias de verões passados na fazenda de sua avó em Millard County, onde ele começou a valorizar a herança pioneira, aprendendo a resolver problemas e cumprir tarefas." O Senhor usou-o em muitos lugares do planeta, preparando-o sempre para servir na Primeira Presidência de uma igreja global.

As personalidades das Autoridades Gerais podem ser conhecidas por

meio dos sermões que proferem, que são como epístolas para a Igreja. Esse é o caso do Presidente Faust.

Quando de seu chamado como Assistente dos Doze, em outubro de 1972, viu-se como que colocando as mãos no arado, sem jamais querer olhar para trás. Essa é a tradição dos Apóstolos originais, que "[deixaram] logo as redes e seguiram [o Senhor]." (Ver Mateus 4:20)

Respondendo ao chamado de Apóstolo, ele disse: "Entendo que um requisito essencial para o apostolado é ser testemunha pessoal de Jesus como o Cristo e o Redentor Divino. Talvez só nessa base eu já me qualifique; essa verdade tem sido revelada a mim pelo poder e paz indescritíveis do Espírito de Deus."

Em seu discurso na conferência geral de outubro de 1994, "As Chaves Que Nunca Enferrujam", ele exortou os membros da Igreja a seguirem os ensinamentos e conselhos daqueles que portam as chaves como profetas, videntes e reveladores (ver *A Liahona*, janeiro de 1995, pp. 78–81).

Outro sermão particularmente impressionante foi "Cinco Pães e Dois Peixes", no qual ele descreveu a fé e devoção daqueles que parecem ter tão pouco para oferecer ao Mestre, mas que dão tudo o que têm (ver João 6:5–14). De modo comovente, referiu-se à "gente anônima com dons equivalentes a apenas cinco pães e dois peixes, [que] magnificam seus chamados e servem sem receber atenção ou reconhecimento, literalmente alimentando a muitos." (*A Liahona*, julho de 1994, p. 5.)

O Presidente Faust, portanto, prefere falar sobre verdades importantes. Em outro sermão, "Onde Está a Igreja?", Élder Faust falou a respeito de como a "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está em nosso coração e, quando estiver em nosso coração, individualmente, também estará em nossos grandes edifícios de adoração, em nossos grandes institutos educacionais, em nossos magníficos templos e em nossos lares" (*Ensign*, Agosto de 1990, p. 67).

Humildemente grato por sua própria herança espiritual, ele, deu uma mensagem a suas netas, intitulada "Tornando-se Grandes Mulheres". Todo pai que carrega consigo o Espírito torna-se como o pai Leí, extremamente ansioso para que seus filhos partilhem do delicioso fruto da árvore da vida (ver 1 Néfi 8:10–17).

O Presidente Faust, assim, chega a seu chamado com uma grande bagagem; por isso, não se intimida ante desafios. Ele é capaz de sondar o horizonte, prevendo as dificuldades e as oportunidades que irão cruzar o caminho da Igreja.

Em suma, James Esdras Faust sabe quem é e o que Deus quer que ele faça! Como o Presidente Howard W. Hunter disse certa vez a Margaret Bury, "Jim é ouro puro". □

Companheiros devotados—Presidente e Irmã Faust.

O EXEMPLO FALA MAIS ALTO

Annette Antonelli
FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

Sou uma garota comum da Igreja, de dezesseis anos de idade. Guardo a Palavra de Sabedoria, freqüento as reuniões da Igreja regularmente e tenho um forte testemunho. Existiam, porém, algumas coisas às quais eu não dava muita importância, como, por exemplo, não dizer palavrões.

Houve época em que eu costumava dizer palavrões. Sempre tive o cuidado de não tomar o nome do Senhor em vão e não usava palavrões numa conversa normal. Mas quando, por acaso, deixava escapar uma palavra "feia", não me preocupava muito com isso.

Continuei assim até que, numas férias, fiz bastante amizade com alguém que tomava muito cuidado para jamais dizer um único palavrão. Só de passar tanto tempo com ela adquiri o hábito de não dizer palavrões.

Esse novo hábito trouxe-me um problema interessante quando as aulas recomeçaram. Uma colega e eu recebemos da professora de teatro um diálogo para estudar, o qual seria apresentado em um consurso de debates. Havia alguns palavrões no diálogo. Por isso, toda vez que ensaiávamos juntas, eu mudava as minhas falas para evitar dizer aquelas palavras.

Poucas semanas depois, tivemos que apresentar o diálogo em uma reunião de alunos da escola. Ao fazê-lo, modifiquei minhas falas como sempre fazia, e minha colega usou as palavras do diálogo conforme haviam sido escritas. Não pensei mais nisso, até conversar mais tarde, naquele mesmo dia, com outra amiga que não era membro da Igreja. Seu comentário foi muito interessante. Disse ter notado que minha Igreja devia ser muito importante para mim, já que eu fazia de tudo para não ter que usar palavrões.

Quando ela me disse aquilo, fiquei surpresa. Sabia que todos estavam cientes de que eu era membro da Igreja e também que observavam atentamente o meu comportamento. Mas nunca pensei que algo como mudar algumas falas para evitar obscenidades pudesse ter tanta importância. Minha amiga disse ter ficado realmente impressionada.

Isso me ensinou também que todo mandamento é importante e tem um propósito. Detestaria imaginar que alguém viesse a ter uma impressão negativa, mesmo que indiretamente, do evangelho de Jesus Cristo por causa de algo que eu tivesse feito. Sei agora, mais do que nunca, que o exemplo é a melhor maneira de se compartilhar as preciosas verdades que nos foram ensinadas. □

"MAIS ESPERANÇA EM SUA PALAVRA"

"Porque tudo o que (. . .) foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das escrituras tenhamos esperança." (Romanos 15:4)

Após Sua ressurreição, Jesus aproximou-se de dois de Seus discípulos que andavam pela estrada de Emaús. Não O reconhecendo, eles falavam de sua tristeza pela morte do seu Senhor. Jesus ficou um tempo com esses amigos, consolando-os com palavras das escrituras que profetizavam a Seu respeito. Então, quando O reconheceram, Ele "desapareceu-lhes", e os discípulos disseram um para o outro: "Porventura não ardia em nós o nosso coração (. . .) quando [Ele] nos abria as escrituras?" (Lucas 24:32)

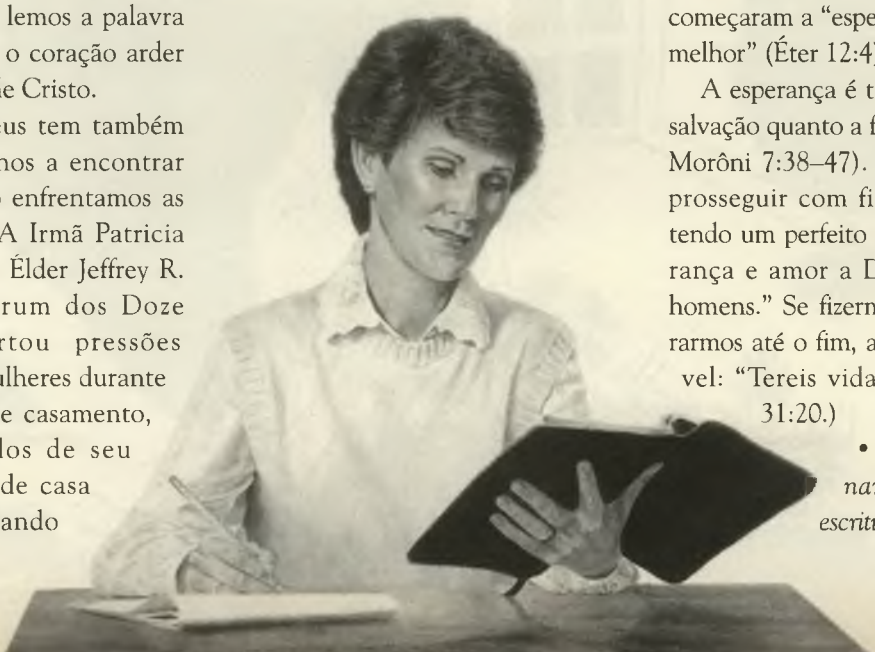
AS ESCRITURAS PODEM DAR-NOS ESPERANÇA

Em tempos de tristeza, é natural que nos voltemos para Deus em busca de conforto e esperança. Muitas vezes, essa esperança chega quando ouvimos ou lemos a palavra de Deus e sentimos o coração arder com o testemunho de Cristo.

A palavra de Deus tem também poder para ajudar-nos a encontrar esperança enquanto enfrentamos as provações diárias. A Irmã Patricia Holland, mulher do Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, suportou pressões comuns a muitas mulheres durante os primeiros anos de casamento, pagando os estudos de seu marido, mudando de casa várias vezes e cuidando dos filhos pequenos. Em certo ponto, quando o marido foi chamado como presidente de estaca e ela como presidente da Sociedade de Socorro de sua ala, ela admitiu: "Eu realmente quis desistir (. . .) Não foi fácil."

O dócil conselho de seu marido foi: "Leia as escrituras com mais atenção." E, sentindo-se ele próprio pressionado, continuou: "A única maneira de sobrevivermos é por meio da espiritualidade. Sobreviveremos pela força do Espírito."

"*Falar é fácil*", pensou a Irmã Holland. Num dia de jejum e oração, "continuei pensando em suas palavras (. . .) Lembro-me de dirigir-me às escrituras pensando '*tudo bem, vamos ver o que há aqui*'. E é claro que havia alguma coisa. As respostas estavam ali". (*New Era*, abril de 1981, pp. 42–43.)



ILUSTRADO POR SHARRI COOK

HÁ OUTRAS PESSOAS PRECISANDO DA MENSAGEM DE ESPERANÇA

Ouvindo ou lendo a palavra de Deus, podemos ter acesso ao Espírito Santo, "o Consolador, que nos enche de esperança e perfeito amor" (Morôni 8:26). Um dos maiores dons que podemos compartilhar é o de ajudar o próximo a encontrar essa mesma esperança.

Sister Eyvonne Black e seu marido, Russell, foram missionários na República Dominicana. O trabalho deles ajudou centenas de pessoas a encontrarem esperança com o estudo da palavra de Deus. Eles organizaram mais de 100 classes de alfabetização, usando o Livro de Mórmon como texto. Os alunos aprendiam a ler ao mesmo tempo que aprendiam sobre Jesus Cristo. Muitos foram batizados e, com a fé centralizada em Cristo, começaram a "esperar por um mundo melhor" (Éter 12:4).

A esperança é tão essencial para a salvação quanto a fé e a caridade (Ver Morôni 7:38–47). "[Devemos], pois, prosseguir com firmeza em Cristo, tendo um perfeito esplendor de esperança e amor a Deus e a todos os homens." Se fizermos isso e perseverarmos até o fim, a promessa é infalível: "Tereis vida eterna." (2 Néfi 31:20.)

• *Como podemos tornar nosso estudo das escrituras mais eficaz?* □

Quando Se Deseja

Encontrei felicidade substituindo desejos ansiosos por orações de agradecimento.

Geri Christensen

Tudo começou inocentemente. Como toda criança, eu sentava-me à janela, olhava para as estrelas, fechava os olhos e fazia meus pedidos. Desejava tudo o que minha mente infantil conseguia conceber: um pônei, um cãozinho, uma fada-madrinha. Eu nunca recebia o que desejava, mas isso não tinha importância; afinal, era tudo brincadeira.

Fiquei mais velha e parei de pedir coisas às estrelas. Infelizmente, porém, não parei de desejar. E meus desejos haviam tomado um rumo bastante cobiçoso. Eu não mais desejava um pônei ou um cãozinho, mas desejava poder ser mais como Kathy, porque todos os rapazes gostavam dela, ou desejava ter roupas como as de Linda.

Sempre que via alguém com alguma coisa que eu

não tinha, pensava no quanto eu seria mais feliz se possuísse uma coisa igual, e passava a desejá-la. Quase todo mundo que eu conhecia parecia ter algo que eu não tinha. Comecei a acreditar que todas as pessoas tinham tudo e eu, nada.

É claro que comecei a sentir pena de mim mesma. Eu lamentava: "Se pelo menos as coisas fossem diferentes". Ou: "Isso não é justo!". Ou então: "Por que eu?"

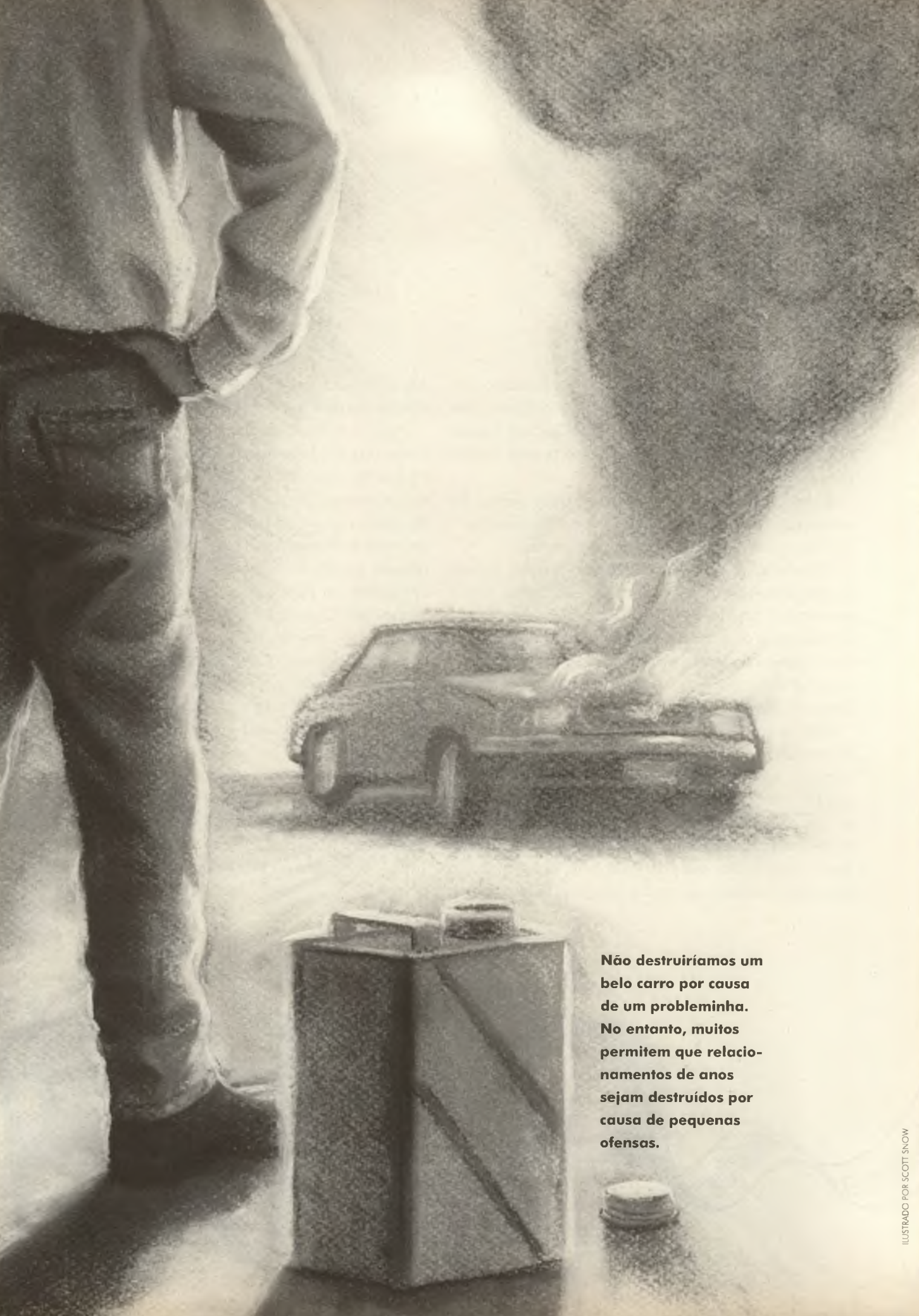
Querem saber como encontrei a saída desse atoleiro de autocomiseração? Acreditem ou não, achei minha resposta no hinário da Igreja. Um domingo, eu estava sentada atrás de uma menina que tinha cabelos lindos. Estava desejando que os meus fossem longos e brilhantes como os dela, quando começamos a cantar "Conta as Bênçãos" (*Hinos*, 1991, nº 57).

Ora, eu provavelmente já cantara esse hino dezenas e dezenas de vezes, mas ele jamais significara algo para mim até aquele momento. Pela primeira vez, prestei atenção à letra. Por que eu estava sempre desejando coisas que não tinha? Por que eu ficava zangada e sentia-me trapaceada, achando que a vida me tratava injustamente? A resposta encontrava-se bem ali no hino. Eu não estava contando as minhas bênçãos. Só pensava no que não tinha, e isso obscurecia-me completamente a consciência de todas as coisas que eu tinha.

Após as reuniões da Igreja, fui para casa e fiz exatamente o que o hino manda fazer: uma lista de todas as minhas bênçãos. Em primeiro lugar, vieram as bênçãos óbvias, como o lar e a família, o alimento e as roupas. Mas depois escrevi outras coisas, como meus pontos fortes, meus bens materiais, as muitas oportunidades e experiências positivas que tivera, minha compreensão do evangelho e a perspectiva inigualável que ele dava a minha vida. Quando as somei, contei mais de 100 bênçãos. Como o hino diz, realmente fiquei surpresa.

Carreguei comigo essa lista por um longo tempo e, sempre que me surpreendia cometendo um deslize de volta ao meu velho hábito de desejar, eu a lia. Isso me ajudava a sentir gratidão em vez de inveja e autocomiseração.

Finalmente chegou o dia em que não precisei mais carregar a lista, pois já não mais precisava desejar coisas. Eu sentia alegria pelos outros e por suas bênçãos, pois estava mais consciente de minhas próprias bênçãos. Tornei-me muito mais feliz desde que finalmente parei de desejar. □



Não destruiríamos um belo carro por causa de um probleminha. No entanto, muitos permitem que relacionamentos de anos sejam destruídos por causa de pequenas ofensas.

ILUSTRADO POR SCOTT SNOW

"PARA QUE NÃO VOS OFENDAIS"

Cinco maneiras de evitar a mágoa.

Perry M. Christenson

Você poupou seu dinheiro por muitos anos e fez vários sacrifícios para comprar um carro novo e caro. Finalmente, chega o dia em que tem o dinheiro todo.

Ao dirigir seu carro novo para casa, ouve um barulho estranho, pára e descobre que um pneu furou. "Não posso acreditar nisto!" você grita, batendo a porta. "Gastei todo o meu dinheiro e para quê?"

Sem hesitação, pega um galão de gasolina do porta-malas, encharca o carro e incendeia-o. O carro novo com o pneu furado parece um inferno.

Parece absurdo, não é? Quem destruiria um belo carro por causa de um probleminha?

Entretanto, quantos de nós permitimos que um relacionamento de anos de duração seja "destruído pelas chamas" por causa de um comentário descuidado? Ou quantos de nós abandonamos a atividade na igreja por causa de alguma ofensa?

A prática diz que, em nossa estaca ou ala, alguém nos ofenderá mais cedo ou mais tarde. Segundo o Élder Marion D. Hanks, membro emérito do primeiro Quórum dos Setenta, o modo como lidamos com essas situações é coisa séria:

"Qual é nossa reação quando somos ofendidos, mal interpretados, tratados injusta ou maldosamente, ou quando pecam contra nós, ou se, por causa de uma palavra, nos chamam de ofensores, ou

quando somos acusados falsamente, ignorados, feridos por aqueles que amamos, ou quando nossas intenções são rejeitadas? Ficamos ressentidos? Tornamo-nos amargos? Guardamos rancor? Ou tentamos resolver o problema, perdoamos e nos livramos do fardo?

A natureza de nossa resposta a essas situações pode muito bem determinar a natureza e qualidade de nossa vida, aqui e na eternidade." (*Ensign*, janeiro de 1974, p. 20.)

Os cinco princípios a seguir podem ajudar-nos a evitar que nos sintamos magoados—ou, se já fomos ofendidos, apressar o processo de cura:

1. CONSTRUA UM ALICERCE FIRME

Somos facilmente ofendidos quando estamos inseguros. Lembra-se daquela vez em que você usou roupas que não lhe caíam bem? Você provavelmente sentiu vergonha da sua aparência e achou que qualquer risadinha era de alguém zombando de você, ou que a conversa das outras pessoas era dirigida a você e suas roupas. Foi fácil ofender-se, não foi? Por que? Por causa da sua insegurança.

Para evitarmos a mágoa, precisamos de um alicerce firme. Precisamos estar seguros de nosso compromisso com o evangelho, de nosso testemunho, de nosso senso de auto-estima, do conhecimento de quem somos e do senso de nosso potencial divino.

Quando Absalão tentou usurpar o reino de seu pai, Davi, ele deliberadamente tentou, junto com outros, ofender e humilhar seu pai. Por exemplo, Simei amaldiçoou Davi, atirou-lhe pedras e zombou dele (Ver II Samuel 16:5–10). Quando, mais tarde, Davi reconquistou o reino, seus homens insistiram para que Simei fosse condenado à morte. A resposta de Davi mostra sua auto-estima e senso de identidade: "Morreria alguém hoje em Israel? *Pois porventura não sei que hoje fui feito rei sobre Israel?*" (II Samuel 19:21–22, grifo nosso.)

Davi sabia quem era. Não precisava provar nada. Punir Simei por vingança não teria confirmado sua soberania. Da mesma forma, um forte testemunho e conhecimento de quem somos pode ajudar-nos a acalmar tempestades causadas por críticas e ofensas.

2. COMPREENDA A INTENÇÃO

Apesar de nem sempre admitirmos, a intenção de alguém que nos critica pode ser a de *ajudar-nos*. Devemos ser corteses o suficiente para recebermos a crítica, compreendendo que a pessoa pode estar querendo ajudar.

Morôni, o comandante militar nefita, era um homem de Deus, "um homem de perfeita compreensão", e "firme na fé em Cristo" (Alma 48:11,13). Mesmo assim, como todos nós, era sujeito a erros. Ao guiar os exércitos nefitas contra os inimigos lamanitas, ele enviou uma carta a Paorã, o juiz supremo e governador da terra de Zaraenla, pedindo reforços e alimentos para o exército de Helamã (Ver Alma 59:3). Paorã, porém, não lhe respondeu.

Morôni então enviou outra carta a Paorã, dessa vez criticando-o severamente por seu "insensível estupor", não reforçando os exércitos. "É por causa de vossa iniqüidade que

ILUSTRADO POR HOWARD POST

sofremos tantas perdas", escreveu Morôni (Alma 60:7,28). Também acusou Paorã de desobedecer a Deus: "Sabeis que estais transgredindo as leis de Deus e que as espezinhais." (Versículo 33). Após uma longa carta criticando Paorã, Morôni concluiu ameaçando ir pessoalmente a Zaraenla buscar as provisões necessárias, "ainda que seja pela espada." (Versículo 35)

O que Morôni desconhecia era que Paorã não mandara reforços porque estava tendo suas próprias batalhas: houvera uma revolta contra o governo, e os homens que queriam ter um rei, em aliança com os lamanitas, haviam tomado o poder em Zaraenla.

Como Paorã reagiu ao severo julgamento de Morôni? Como *nós* nos sentiríamos se tivéssemos sido injustamente criticados por alguém que admirávamos?

A resposta de Paorã é uma lição de sobriedade e compreensão: "Em tua epístola censuraste-me", escreveu ele, "mas isso não importa. Não estou zangado; *antes, regozijo-me pela grandeza de teu coração.*" (Alma 61:9; grifo nosso). Paorã entendeu a intenção das críticas de Morôni; Morôni estava buscando apenas a glória de Deus e a liberdade e bem-estar do povo. Apesar das acusações, Paorã não ficou ofendido; ele entendeu as intenções justas de Morôni e alegrou-se com elas.

Quando sentir que foi julgado incorretamente, acusado falsamente, ou ofendido de alguma maneira, faça uma pausa para refletir sobre as intenções da outra pessoa. Muitas vezes descobrirá que o *propósito* por trás da crítica era construtivo e foi oferecido com o intuito de ajudar.

3. SEJA PRONTO PARA OUVIR E TARDIO PARA IRAR-SE

"Todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar.

Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus." (Tiago 1:19–20). Por que deveríamos ser "[prontos] para ouvir" conselhos, queixas ou críticas? Talvez porque honestamente precisemos mudar algo em nós mesmos. Talvez porque realmente estejamos precisando ouvir o conselho ou a crítica. Além de estarmos sempre "[prontos para ouvir]", devemos também ser "[tardios] para [nos irarmos]". É fácil reagir rapidamente a ofensas e responder à altura. Contendas podem facilmente piorar a cada comentário sarcástico, com cada um dos envolvidos respondendo ao que o outro diz. Quando deixamos nossas emoções ditar uma resposta precipitada, renunciamos ao controle de nós mesmos e da situação.

Coriânton, filho de Alma, foi culpado de cometer um sério pecado enquanto servia missão. "Abandonaste o ministério", repreendeu-o Alma, "e foste à terra de Siron, dentro das fronteiras dos lamanitas, atrás da meretriz Isabel.

Sim, ela conquistou o coração de muitos, mas isso não era desculpa para ti, meu filho. Tu deverias ter cuidado do ministério que te havia sido confiado (. . .).

Agora, meu filho, eu quisera que te arrependesses e abandonasses teus pecados e que não mais sucumbisses à concupiscência dos teus olhos" (Alma 39:3–4,9).

Coriânton precisou ouvir a repreensão de seu pai e arrepender-se. Ele estava "pronto para ouvir" seu pai? Foi humilde o bastante, sendo "tardio para se irar"? O Livro de Mórmon não registra a reação imediata de Coriânton, mas, em capítulos posteriores, vemos que "os filhos de Alma andaram entre o povo para proclamar-lhes a palavra." (Alma 43:1). Coriânton tem seu nome mencionado entre os filhos missionários que ensinavam, batizavam e ajudavam a proporcionar a paz e a

prosperidade aos habitantes da terra (Ver Alma 49:30).

4. NÃO PROCURE VINGAR-SE

O Élder H. Burke Peterson, na época membro do Bispado Presidente, contou a história de um grupo de adolescentes que faziam piquenique no deserto, nas imediações de Phoenix, Arizona, Estados Unidos. Uma das meninas foi picada por uma cobra cascavel. Em vez de imediatamente buscar ajuda médica, o grupo perseguiu a cobra atrás de vingança e matou-a com pedradas. Infelizmente, durante os preciosos minutos que o grupo desperdiçou com a vingança, o veneno teve tempo de ir da superfície da pele da menina para os tecidos do pé e da perna; mais tarde, foi necessário amputar a perna abaixo do joelho.

"Foi um sacrifício inútil, esse preço da vingança (. . .). A menos que seja removido, o veneno da vingança ou do ressentimento destruirá a alma que o abriga", disse o Bispo Peterson.

Quando somos ofendidos, sensações de ódio, sonhos de vingança ou sentimentos mal orientados de indignação justa envenenam nossa mente e nosso espírito. No final, somos os mais feridos. Por outro lado, continuou o Bispo Peterson: "Perdoar os erros alheios—imaginários ou reais—muitas vezes beneficia mais a quem perdoa do que ao perdoado. Quem ainda não perdoou uma maldade ou injustiça ainda não provou uma das mais sublimes satisfações da vida." (*A Liahona*, janeiro de 1984, pp. 97–98.)

5. PROCURE RECONCILIAR-SE

Meu filho de dois anos de idade, Brian, estava brincando no tanque de areia com o amiguinho Scotty, quando, de repente, um atirou areia no outro. Com os sentimentos feridos, Scotty começou a chorar. Dirigi-me ao tanque de areia para fazer meu papel de pai e apaziguar a situação, mas, antes de dar dois passos, Brian chegou perto de Scotty e abraçou-o. Lágrimas pararam de brotar tão rapidamente como começaram, sentimentos feridos foram esquecidos e amigos reconciliaram-se. Logo, ambos brincavam como antes.

"E, se teu irmão ou irmã te ofender, devereis ter uma conversa a sós; e, se ele ou ela confessar, reconciliar-vos-eis." (D&C 42:88). Precisamos tomar a iniciativa, procurando reconciliar-nos com a pessoa que nos ofendeu. A melhor maneira de fazê-lo é chamar calmamente a pessoa de lado e discutir abertamente a situação.

O Senhor sabia que Seus discípulos enfrentariam severas críticas e muita perseguição (Ver João 16:2). Durante Suas últimas horas, antes da crucificação, Ele fortaleceu o testemunho de Seus discípulos e deu-lhes uma perspectiva eterna de quem Ele era e de quem eles eram. Realmente, alguns dos ensinamentos mais importantes do Salvador estão contidos nos capítulos de João, pouco antes do relato de Seu julgamento (Ver João 13–17). Jesus quis fortalecer o testemunho dos discípulos e construir um alicerce firme que suportaria toda e qualquer ofensa. "Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis". (João 16:1)

Será que nós, como aqueles discípulos do Senhor, não precisamos nos esforçar mais para não nos sentirmos ofendidos? Testemunhos e relacionamentos valem mais do que um carro novo e caro. Que absurdo deixá-los ser "destruídos pelas chamas", quando um pneu furado momentaneamente interrompe nossa jornada. □

UM NÃO DA PALAVRA DE SABEDORIA

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

(VER DOUTRINA E CONVÊNIOS 89)

CENÁRIOS DAS VIAGENS M

Kent P. Jackson

Duas grandes realidades políticas e sociais dominavam o mundo de Paulo: o império romano e a cultura grega.

Todos os acontecimentos do Novo Testamento ocorreram dentro do Império Romano. Nos dias de Paulo, os romanos já controlavam a região do Mediterrâneo havia cerca de um século. Na maioria das vezes, isso foi uma bênção para a difusão do cristianismo. Os romanos haviam estabelecido paz e segurança dentro de suas fronteiras, o que tornara as viagens geralmente seguras e previsíveis. Construíram-se estradas e reduziram-se a pirataria, o banditismo e as agitações de governantes locais. Podia-se andar livremente por todo o mundo romano.

O mundo do Novo Testamento era dominado também pela cultura grega, que se expandira a ponto de, em vários lugares, a língua grega

ISSIONÁRIAS DE PAULO

suplantar a língua local. Onde isso não acontecia, o povo era bilíngüe. Isso significava que, para onde quer que fosse, Paulo podia falar com as pessoas em grego, a língua internacional daquela parte do mundo. Significava também que em todo lugar ele encontrava mais ou menos

Corinto, onde Paulo ensinou por mais de um ano em sua segunda viagem missionária, dá aos visitantes de hoje apenas uma idéia de sua antiga grandeza. As colunas estriadas do templo de Apolo são vistas da acrópole, a fortaleza da cidade alta, no topo do monte.

FOTOGRAFIA DE FPG INTERNATIONAL; AS OUTRAS FOTOGRAFIAS SÃO DE KENT R. JACKSON, EXCETO QUANDO INDICADO DE OUTRA FORMA.

Roma
Nas duas vezes que ficou preso em Roma, Paulo escreveu epístolas aos colossenses, aos efésios, a Filemom, aos filipenses e uma segunda epístola a Timóteo.

REMBRANDT; GALERIA NACIONAL DE ARTE

GUSTAVE DORÉ

FREDERICK SHIELDS

Filipos
Libertado da prisão por um terremoto *(Atos 16:12–40)*

Tessalônica
Prega numa sinagoga *(Atos 17:1–10)*

Trôade
Levanta um jovem dentre os mortos *(Atos 20:6–12)*

Prega sobre o "Deus desconhecido" *(Atos 17:15–18:1)*
Atenas

CORTESIA DE PROVIDENCE LITHO

Corinto
Acusado falsamente *(Atos 18:1–18)*

MAR MEDITERRÂNEO

ESIA DE PROVIDENCE LITHO

Malta
Naufragado *(Atos 27:10–28:11)*

CENÁRIOS DAS VIAGENS MISSIONÁRIAS DE PAULO

- *Primeira viagem missionária: Atos 13:1–14:26*
- *Segunda viagem missionária: Atos 15:36–18:22*
- *Terceira viagem missionária: Atos 18:23–21:15*
- *Viagem a Roma: Atos 27:1–28:30*

a mesma visão de mundo e os mesmos costumes e crenças.

O ministério de Paulo teve lugar principalmente nas cidades. Algumas, como Roma e Antioquia, estavam entre as maiores do mundo. Outras, como Derbe e Beréia, eram menores. Apesar das diferenças de tamanho, localização e topografia, as cidades do Império Romano tinham características comuns, como um teatro, balneários e fontes para o público, templos e uma ágora (praça mercantil retangular, cercada de lojas, santuários e edifícios públicos colunados). Muitas cidades tinham também uma sinagoga judaica. Paulo normalmente iniciava sua pregação na sinagoga e depois levava a mensagem de salvação aos gentios.

DAMASCO (ATOS 9:3–25)

Saulo de Tarso, mais tarde conhecido como Paulo, estava quase chegando a Damasco quando o Senhor lhe apareceu, dizendo: "Saulo, Saulo, por que me persegues? (. . .) Eu sou Jesus, a quem tu persegues." A resposta de Saulo definiu seu compromisso de obedecer à vontade do Senhor desde aquele momento até o fim de sua vida: "Senhor, que queres que eu faça?" Quando o levaram cego para a cidade, ele ficou numa casa na "rua chamada Direita", uma das vias principais que cortava a cidade

JEAN RESTOUT, GIRAUDON/ART RESOURCE, NY

Ensina toda a cidade
(Atos 13:14–50)
Antioquia da Pisídia

CORTESIA DE PROVIDENCE LITHO

Éfeso
Cura os doentes *(Atos 19:1–20:1)*

Listra
Cura um paralítico
(Atos 14:8–20)

Mileto
Previne a respeito de "lobos cruéis"
(Atos 20:15–38)

Antioquia
Cidade-base de Paulo
(Atos 11:26)

JAMES CLARK

W. G. SIMMONDS

Cega um mágico
(Atos 13:6–13)
Pafos

Conversão
(Atos 9:3–25)
Damasco

FREDERICK SHIELDS

Perante o Rei Agripa
(Atos 23:33–26:32)
Cesaréia

GUSTAVE DORÉ

Jerusalém
Salvo de uma turba por soldados romanos
(Atos 21:17–23:31)

Um portão romano que dava para a cidade velha de Damasco permanece até hoje como sentinela na "rua chamada Direita", para onde foi levado Saulo, cego, logo após sua conversão divina.

no sentido leste-oeste. Lá ele mais tarde recobrou a visão por meio de uma bênção do sacerdócio. Foi batizado em Damasco e começou seu ministério pregando para os judeus da cidade.

Hoje, Damasco é a capital da República Árabe da Síria, com mais de um milhão de habitantes. Sua Cidade Velha, a cidade romana que Paulo conheceu, é conhecida principalmente por suas mesquitas, tumbas e palácios islâmicos. A rua chamada Direita ainda existe, com dois portões romanos parcialmente preservados.

As ruínas de Filipos, no norte da Grécia, *à direita*, incluem os restos de uma ágora (praça do mercado). O monte de Listra, que não foi escavado, *abaixo, à esquerda*, é tudo que se consegue ver da cidade onde Paulo converteu Timóteo, seu futuro companheiro de missão.

LISTRA (ATOS 14:8–20)

Na primeira viagem missionária de Paulo, ele e Barnabé foram a Listra. Lá, Paulo curou um homem paralítico de nascença. Quando o povo viu o poder que os dois Apóstolos possuíam, aclamou-os como deuses. Chamaram Barnabé de Zeus, o chefe dos deuses gregos, e Paulo de Hermes, o mensageiro ou porta-voz dos deuses. (Algumas traduções da Bíblia usam os equivalentes romanos—Júpiter e Mercúrio.) O sacerdote de Zeus chegou ao local com "touros e grinaldas", no intuito de, em conformidade com o costume local, oferecer sacrifícios aos dois Apóstolos. Estes só conse-

guiram dissuadir os adoradores após insistentes recusas. Um dos primeiros conversos de Listra, Timóteo, tornou-se devotado companheiro de Paulo em missões posteriores. Hoje, pouco resta das ruínas de Listra, na parte centro-sul da República da Turquia.

Em várias localidades do mundo Mediterrâneo descobriram-se desenhos em pedra de touros ornados com grinaldas, em preparação para sacrifício.

FILIPOS (ATOS 16:9–40)

Na segunda viagem missionária de Paulo, ele e seus companheiros—Timóteo, Silas e Lucas (ver Atos 16:1–25)—foram orientados por revelação a cruzarem o Mar Egeu e levarem o evangelho à Macedônia, no norte da Grécia. Sua primeira parada importante na Macedônia foi em Filipos. Em sua estada, Paulo expulsou o espírito mau de uma jovem que fazia adivinhações e dava lucro a seus senhores. Quando estes viram que Paulo e Silas haviam arruinado seu comércio, levaram-nos para o tribunal e acusaram-nos de serem desordeiros. Os dois missionários foram açoitados e presos. À noite, um terremoto abriu a porta da prisão e soltou as correntes que os prendiam. Em vez de escapar, porém, Paulo e Silas ensinaram o evangelho ao carcereiro, convertendo-o juntamente com a família. Na manhã seguinte, foram soltos.

Paulo amava profundamente os conversos filipenses. Anos mais tarde, escreveu-lhes expressando seu amor e o desejo de que permanecessem fiéis ao evangelho.

CORINTO (ATOS 18:1–18)

Corinto, na costa da Grécia, era uma cidade grande, próspera e estrategicamente localizada. Era dominada por sua acrópole (a cidade alta), sobre uma montanha próxima, e pelo antigo templo de Apolo, no centro da cidade.

Paulo foi a Corinto em sua

segunda viagem missionária e lá ficou por um ano e meio. O livro de Atos registra que alguns dos judeus que se lhe opunham levaram-no ao banco dos réus, a fim de julgá-lo como uma ameaça à sociedade. O governador romano não tinha interesse no assunto e negou-se a considerar o caso. Arqueólogos descobriram um pódio na ágora de Corinto e alguns sugerem que esse pode ter sido o local do julgamento de Paulo.

Após despedir-se de seus conversos em Corinto, Paulo continuou em contato com eles. O Novo Testamento contém duas cartas que ele lhes escreveu durante sua terceira viagem missionária.

Entre as pessoas convertidas por Paulo em Éfeso havia "muitos dos que seguiam artes mágicas", os quais "trouxeram os seus livros, e os queimaram" (Atos 19:19).

GUSTAVE DORÉ

ÉFESO (ATOS 19:1–20:1)

Éfeso era um importante centro comercial, cultural e religioso. Boa parte de sua riqueza era conseqüência da localização na costa do Mar Egeu, na extremidade das maiores rotas de comércio vindas do Oriente Próximo. Além disso, Éfeso era famosa e rica por ser o centro de adoração da deusa Artemisa (identificada como a romana Diana em algumas traduções da Bíblia). O templo de Artemisa em Éfeso era considerado a mais bela das sete maravilhas do mundo antigo. Com mais de cento e dez metros de comprimento e cinqüenta e um de largura, era um dos maiores e mais conhecidos edifícios do Império Romano.

Paulo permaneceu em Éfeso por dois anos em sua terceira viagem missionária, pregando o evangelho e orientando as atividades de outros missionários por toda a província romana da Ásia. Embora ele e seus companheiros tivessem enorme sucesso em Éfeso, encontraram oposição de prateiros que faziam nichos de adoração da deusa Artemisa. Os prateiros empreenderam uma grande demonstração pública contra os missionários. A turba correu para o teatro da cidade, onde manifestaram por horas seu culto à deusa e sua oposição a Paulo e seus companheiros.

A rua principal de Éfeso, *página à esquerda*, era ladeada por templos, monumentos e casas luxuosas. O templo de Artemisa, *acima*, considerado a mais bonita das sete maravilhas do mundo antigo, é hoje um monte de fragmentos de pedra.

Hoje, Éfeso, na costa oeste da Turquia, é uma das mais fabulosas de todas as ruínas antigas. O teatro, ampliado após a época de Paulo, ainda existe e comporta mais de 20.000 pessoas. Após séculos de declínio econômico, terremotos e pilhagem, o outrora altivo templo de Artemisa é hoje um monte de rochas. A mensagem de Paulo, porém, permanece e enche a Terra com o testemunho que ele prestou—de que Jesus é o Cristo, e Seu evangelho é o caminho da salvação para todas as pessoas. □

UM BRAÇO AMOROSO

Por Miles T. Tuason

Uma aparente tragédia não impede o Élder Cayetano de abraçar carinhosamente todas as pessoas que encontra.

FOTOGRAFIA DE DINO V. PANTI

É provável que jamais tenham ouvido falar da cidade de Santa Maria, nas Filipinas. Sua primeira impressão, talvez, seja a de que não existe muito para se ver naquela sonolenta comunidade agrícola; pelo menos até subirem as montanhas e contemplarem a magnífica vista de Manila, a capital do país. É realmente *kahanga-hanga*: uma maravilha.

É tampouco provável que tenham ouvido falar da outra maravilha de Santa Maria: um missionário SUD, de aparência comum, mas que também é realmente *kahanga-hanga*. O Élder Bienvenido Cayetano pode dar o nó na gravata com uma mão só e ficar cumprimentando as pessoas com a mão esquerda sem parar. Mas foi sua força espiritual que o tornou um missionário extraordinário.

CONHEÇAM BIEN

À primeira vista, Bien se parece com qualquer outro membro da Igreja filipino, de 19 anos, está servindo na Missão Filipinas San Pablo. Ao apertar sua mão, porém, nota-se que há algo incomum nele. Bien perdeu todo o braço direito durante um terremoto. Mas, estamos nos adiantando na história.

Bien veio de uma família grande. Para sustentar a mãe viúva, todos os filhos da família Cayetano tiveram que trabalhar arduamente nos arrozais. Apesar disso, conseguiram freqüentar a escola. Bien ganhou várias medalhas de inglês, jornalismo e belas artes. Ganhou também

medalhas no atletismo.

Um de seus irmãos mais velhos, Chris, tinha sido batizado anteriormente, mas o restante da família não quisera acompanhá-lo. Enquanto servia como missionário, Chris pediu aos élderes de sua cidade que visitassem Bien, o qual recebeu as palestras e logo aceitou o batismo. Quando, porém, Bien começou a cursar o colegial, outros objetivos, incluindo um novo grupo de amigos, fez a Igreja parecer-lhe menos interessante.

"Meu irmão não podia me forçar a freqüentar a Igreja", disse Bien, "e repeli seus esforços para me reativar". Bien, contudo, apesar das boas notas e muitos amigos, sentia-se às vezes vazio e sem objetivo. Lembrou-se de como as pessoas da Igreja eram felizes e finalmente decidiu voltar.

O DIA INESQUECÍVEL

Depois de formar-se com louvor no curso colegial, Bien começou a estudar ciências políticas na Universidade Cristã das Filipinas. "Estávamos na sala de aula falando sobre terremotos", recorda-se ele, "rindo da possibilidade de sermos surpreendidos por um deles." De repente, toda a sala de aula começou a balançar. *Era mesmo* um terremoto.

Todos ficaram aterrorizados e tentaram fugir. O edifício estava sendo sacudido violentamente. Quando Bien estava quase conseguindo sair pela porta aberta para um local seguro, foi apanhado por uma avalanche de concreto.

"Uma cadeira quebrada me espetava a barriga, uma das minhas pernas estava encolhida e eu estava caído de bruços", recorda ele. Seu braço direito estava quebrado e sangrava profusamente sob os escombros de um pavimento. Inacreditavelmente, porém, sua cabeça escapara por pouco de ser atingida por um enorme pedaço de concreto. "Meus colegas estavam gritando por socorro, mas eu não conseguia me mexer", lembra-se Bien. Um por um, todos morreram, incluindo três deles que estavam caídos em cima de Bien. O terremoto aconteceu no final da tarde, e a escuridão era total ao cair da noite. Tudo ficou silencioso.

"Chorei", admite Bien. Enquanto chorava, porém, lembrou-se, de repente, de um hino da Primária. Começou a cantar "Sou um Filho de Deus". À medida que as palavras varavam o silêncio, sobreveio-lhe grande paz e o sentimento de que não estava sozinho. "Orei, dizendo: 'Pai, se ainda preciso viver, então, por favor, permite que eu viva.'" Enquanto orava, Bien lembrou-se do Salvador. "Ele sofreu muito mais que eu", pensou Bien. O soterramento transformou-se em uma memorável experiência espiritual.

ERGUENDO-SE DOS ESCOMBROS

O nascer do sol, na manhã seguinte, renovou as esperanças de Bien. A equipe de resgate retirou-o dos escombros e levou-o para um lugar seguro. Sua família foi avisada e sentiu-se aliviada. Bien foi levado às pressas para um hospital. Os médicos imediatamente amputaram-lhe o braço direito. "Acordei, olhei para meu lado direito e gritei: 'O que está acontecendo aqui?' Pensei que estava sonhando." O espanto transformou-se em tristeza. "Senti-me muito deprimido, pois já não poderia fazer o que costumava fazer".

A alegria de Bien em servir ao Pai Celestial influencia todos os que o conhecem. No Centro de Treinamento Missionário de Manila ele foi uma fonte de inspiração. Sua dedicação continua a influenciar a vida de membros e não-membros.

Depois de três meses acamado, Bien voltou para casa. Quase todos os seus 50 colegas de classe haviam morrido. O mesmo parecia ter ocorrido com sua vontade de viver. Como poderia um indivíduo manidestro sobreviver com apenas o braço esquerdo?

Certo dia, enquanto tomava conta dos sobrinhos, Bien sentiu-se impelido a tentar escrever as letras do alfabeto. A princípio, sentiu-se muito frustrado. "Minha mente conhecia as formas, mas minha mão tinha dificuldade em obedecer." A prática, porém, traz a perfeição. Menos de um ano após aquele dia decisivo, Bien não apenas conseguia escrever com facilidade, mas recomeçara a pintar quadros a óleo. Voltou então para a faculdade.

Um ano mais tarde, sentiu que era hora de usar sua renovada força para servir uma missão. A família ficou espantada. "Vai deixar-nos preocupados", protestou a mãe.

"Sei que essa é a vontade do Senhor", assegurou-lhe Bien.

Meses mais tarde, como missionário, Bien recebeu uma carta da família. "Não se preocupe conosco", escreveram-lhe. "Já estamos até nos gabando de você."

TRANSFORMANDO OS OBSTÁCULOS EM BÊNÇÃOS

A personalidade de Bien influencia quase todos os que o conhecem. No Centro de Treinamento Missionário de Manila, ele foi uma fonte de inspiração. Sua dedicação influenciou o ramo de Santa Maria. Bien, contudo, admite que ainda existem alguns desafios, como deixar de jogar basquetebol e não poder participar dos projetos de serviço nos arrozais.

Uma das escrituras favoritas de Bien diz que Deus "não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar." (I Coríntios 10:13). É uma escritura que ajuda Bien a ver todas as coisas como oportunidades de aprendizado.

A vida na missão, diz ele, "é como uma escola onde aprendo muito, não apenas sobre o evangelho, mas a respeito de mim mesmo." Apressa-se em acrescentar que foi em meio aos escombros de outra escola que aprendeu a confiar no Pai Celestial.

Peçam a Bien que conte suas bênçãos, e ele compartilhará seu lema: "Pedi que Deus me desse saúde para fazer grandes coisas e Ele deu-me uma deficiência que me permitiu fazer coisas ainda maiores."

Depois, sorrirá e demonstrará sua amizade, por meio de um caloroso cumprimento com a mão esquerda. □

APRENDER A ATENDER À VOZ DO ESPÍRITO

David Moraza Brito

ILUSTRADO POR PAUL MANN

Em junho de 1994 aprendi uma lição que, espero, ficará para sempre gravada em minha memória. Planejara escalar com um colega de trabalho mais de 1.200 metros na Sierra de Alhamilla, na Espanha. Do alto dessa cadeia de montanhas independentes, saltaríamos com nossas asas delta. Planejávamos aproveitar o céu azul e desfrutar o vôo maravilhoso por sobre o deserto de Tabernas e os vales de Pechina e Viator.

Na noite que precedeu nosso vôo, minha oração foi interrompida por uma forte sensação de que eu não deveria voar na manhã seguinte. Fiquei surpreso não apenas pela força dessa sensação, mas também por sua persistência. Embora tendo experiência o bastante para saber o que ocorria—eu era membro do conselho do distrito e presidente dos Rapazes do distrito—ignorei insensatamente o influxo do espírito; pensei que fosse apenas fruto de minha imaginação ou medo de enfrentar uma experiência nova. Decidi que faria a escalada, mas que cancelaria meu vôo caso as condições climáticas não fossem adequadas.

O dia seguinte parecia perfeito quando meu amigo e eu começamos a escalada. Esqueci a sensação que tivera na noite anterior e estava ansioso para voar.

Quando chegamos ao topo, notamos que o vento não soprava na direção que deveria. Ao montar a asa delta, o vento mudou de

Paul Mann

direção. Fiquei deveras preocupado e questionei nossa decisão de voar. Contudo, senti-me pressionado pela promessa que fizera a meu amigo e, por teimosia, decidi que seria o primeiro a decolar.

Assim que saltei do cume da montanha, percebi que não deveria tê-lo feito. Comecei a cair vertiginosamente na direção das árvores que estavam logo abaixo de meu ponto de decolagem, com minha queda alarmante sendo anunciada pelo sinal intermitente de um manômetro que carregava comigo. As copas das árvores, que de início pareciam tão distantes, aproximavam-se de mim rapidamente, ficando cada vez maiores. A turbulência lançava a asa delta para todos os lados, como se fosse uma folha solta ao vento, e eu perdi o controle. Preso em um desfiladeiro que se estreitava cada vez mais, achei que bateria na montanha e morreria. O vento soprava em meus ouvidos, ameaçando-me. Soava como se dissesse: "Você não deveria estar aqui".

Bem nesse momento assustador, lembrei-me da sensação que tivera na noite anterior. Percebi que fora uma advertência e arrependi-me imediatamente de minha falta de respeito pela preocupação que o Senhor demonstrara por meu bem-estar. Orei em voz alta, implorando-Lhe que me ajudasse a sair do turbilhão que me segurava.

Repentinamente, pareceu que eu adquiria um pouco de controle e vi uma pequena clareira que poderia usar como local de pouso. Preparava-me para aterrizar quando o vento me atingiu novamente. Cai por dez metros, com a asa delta perdendo altura rapidamente rumo ao solo, como se não houvesse ar algum. No momento em que ia atingir o chão, a asa delta inclinou-se para o alto e consegui pousar. Quando consegui tirar o equipamento, vi que tinha alguns cortes. A asa delta estava com duas partes quebradas, e eu aprendera uma lição que jamais esqueceria.

Deixei a montanha sentindo-me imensamente grato ao Senhor por Sua preocupação. Apesar de minha teimosia, Ele me preservara a vida.

Alguns dias mais tarde, estava preparando o programa de uma reunião batismal quando me surpreendi ao sentir o Espírito testificar a respeito do que eu colocava no programa. Entre os itens que reunira, havia uma figura retratando Joseph Smith ao ser visitado pelo Pai e pelo Filho. Notei que abaixo da figura havia a seguinte legenda: "(. . .) Eu (. . .) chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos". (D&C 1:17)

À medida que o Espírito tomava conta de meu ser, senti que fora perdoado por minha falta de obediência. Alegrei-me pelo fato de o Espírito voltar a comunicar-se comigo. E prometi a mim mesmo que nunca mais ignoraria qualquer influxo que sentisse vir do Senhor. □

***Jesus na Sinagoga em Nazaré*, de Greg K. Olsen**

"E chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam, e diziam: De onde veio a este a sabedoria. (. . .)? Não é este o filho do carpinteiro?" (Mateus 13:54:55).

CORTESIA DE DESERET NEWS

"Três Sumos Sacerdotes Presidentes, escolhidos pelo grupo [da Igreja], e designados e ordenados a esse ofício, e apoiados pela confiança, fé e orações da igreja, formam o quórum da Presidência da Igreja" (D&C 107:22). Na conferência geral de abril de 1995: Presidente Gordon B. Hinckley, *centro*; Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro, *esquerda*; e Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro. Ver nas páginas 8 e 16 as biografias do Presidente Monson e do Presidente Faust.